CENTRO UNIVERSITÁRIO SAGRADO CORAÇÃO

INARA REGINA DA SILVA

HABITAÇÃO, GÊNERO E HISTÓRIA: UMA ANÁLISE DAS TRANSFORMAÇÕES TIPOLÓGICAS DA CASA E SUA RELAÇÃO COM O PAPEL DA MULHER NA SOCIEDADE

BAURU

2021

INARA REGINA DA SILVA

HABITAÇÃO, GÊNERO E HISTÓRIA: UMA ANÁLISE DAS TRANSFORMAÇÕES TIPOLÓGICAS DA CASA E SUA RELAÇÃO COM O PAPEL DA MULHER NA SOCIEDADE

Monografia de Iniciação Científica do curso de Arquitetura e Urbanismo apresentada a Pró-Reitoria de Pesquisa e Pós-Graduação do Centro Universitário Sagrado Coração.

Orientadora: Prof.ª M. ª Tatiana Ribeiro de Carvalho

BAURU

2021

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) de acordo com ISBD

Silva, Inara Regina da

S586h

Habitação, Gênero e História: uma análise das transformações tipológicas da casa e sua relação com o papel da mulher na sociedade / Inara Regina da Silva. -- 2021.

77f : il.

Orientador: Prof.ª M.ª Tatiana Ribeiro de Carvalho

Monografia (Iniciação Científica em Arquitetura e Urbanismo) - Centro Universitário Sagrado Coração - UNISAGRADO - Bauru - SP

1. Arquitetura residencial. 2. Interiores. 3. Papel da Mulher. 4. História. I. Carvalho, Tatiana Ribeiro de. II. Título.

Elaborado por Lidyane Silva Lima - CRB-8/9602

Dedico este trabalho aos meus pais, que com carinho sempre me incentivaram a buscar o melhor de mim.

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus, pela minha vida e por me permitir ultrapassar todos os obstáculos encontrados ao longo da realização deste trabalho.

Aos meus pais, pela confiança e pelo incentivo que sempre deram em minhas escolhas, mas acima de tudo, por me mostrarem o significado de família ao permanecerem unidos em cada uma de nossas batalhas e me apoiarem nos momentos difíceis, principalmente, ao compreenderem a minha ausência enquanto eu me dedicava à realização deste trabalho.

A minha orientadora, Tatiana Ribeiro de Carvalho, que conduziu o trabalho com paciência e dedicação, agradeço por cada aprendizado, oportunidade, incentivo e pela confiança com que me ajudou a trilhar este caminho. Com certeza minha formação se tornou ainda mais completa por poder ter a oportunidade de conviver com os seus ensinamentos.

Por fim, agradeço a todos que participaram, direta ou indiretamente no desenvolvimento desta pesquisa, enriquecendo o meu processo de aprendizado.

RESUMO

Verifica-se, atualmente, no campo da construção civil, a difusão de layouts funcionais voltados ao uso residencial. Assim, com o intuito de investigar a história dessa tipologia arquitetônica, essa pesquisa se debruça sobre a hipótese de ter a figura feminina como pilar central das mudanças ocorridas no ambiente residencial. Nesse sentido, o presente estudo buscou realizar um levantamento histórico sobre as tipologias arquitetônicas residenciais na cidade de Bauru, interior paulista. Para isso, foram elaboradas pesquisas bibliográficas, historiográficas, em diferentes meios e publicações sobre o tema. Foram realizados ainda, estudos de caso, a partir de análises de projetos, com a finalidade de evidenciar as características externas e internas de residências bauruenses. Os projetos analisados foram organizados em ordem cronológica, a fim de facilitar a compreensão tanto no que se refere ao aspecto estético quanto em relação às influências práticas, espaciais e seu reflexo na vida cotidiana das pessoas. A pesquisa resultou, portanto, na criação de um arcabouço iconográfico através do qual verificou-se que, a arquitetura residencial abarca questões sociais, antropológicas, espaciais e a questão de gênero como fator preponderante no seu processo de transformação ao longo do tempo, pois revelou que a mulher é figura central em diversos aspectos da sociedade.

Palavras-chave: Arquitetura Residencial. Interiores. Papel da Mulher. História.

ABSTRACT

There is currently, in the field of civil construction, the diffusion of functional layouts aimed at residential use. In order to investigate the history of this architectural typology, this research focuses on the hypothesis of having the female figure as the central pillar of the changes that have taken place in the residential environment. In this sense, this study sought to carry out a historical survey of residential architectural typologies in the city of Bauru, in the interior of São Paulo. For that, bibliographical and historiographic researches, in different media and publications on the subject were elaborated. Case studies were also carried out, based on project analysis, in order to highlight the external and internal characteristics of residences in Bauru. The analyzed projects were organized in chronological order, in order to facilitate understanding both with regard to the aesthetic aspect and in relation to practical, spatial influences and their reflection on people's daily lives. The research resulted, therefore, in the creation of an iconographic framework through which it was found that residential architecture encompasses social, anthropological, spatial issues and the issue of gender as a preponderant factor in its transformation process over time, as it revealed that the woman is a central figure in several aspects of society.
Keywords: Residential Architecture. Interiors. Paper of Women. Story.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 - Residência com varanda em bairro central 25
Figura 2 - Casa bandeirista situada no interior de São Paulo 28
Figura 3 - Planta da casa do Padre Inácio 28
Figura 4 - Esquema de sobrado do período colonial brasileiro 29
Figura 5 - Mudanças tipológicas das residências 32
Figura 6 - Mapa de Bauru com eixos ferroviários 34
Figura 7 - Residência em bairro ferroviário de Bauru 34
Figura 8 - Moradias ferroviárias na Vila Falcão 35
Figura 9 - Vista da Rua Marcondes Salgado na década de 1930 36
Figura 10 - Vista panorâmica de Bauru por volta de 1920 37
Figura 11 - Edifício de múltiplos pavimentos em Bauru 37
Figura 12 - Residência de madeira na rua Araújo Leite 38
Figura 13 - Representação da Casa dos Pioneiros 39
Figura 14 - Casas da vila ferroviária em 1920 40
Figura 15 - Casa do Superintendente da NOB 40
Figura 16 - Casa Ponce Paz localizada no centro de Bauru 41
Figura 17 - Residência eclética no centro de Bauru 42
Figura 18 - Croqui de residência modernista em Bauru 43
Figura 19 - Fachada da casa Armando Azevedo, datada de 1927 46
Figura 20 - Planta da casa Armando Azevedo 47
Figura 21 - Fluxograma da casa Armando Azevedo 48
Figura 22 – Fachada original da Casa Ponce Paz 50
Figura 23 - Planta original da casa Ponce Paz (pavimento térreo) 51
Figura 24 - Planta original da casa Ponce Paz (pavimento superior) 51
Figura 25 - Casa Ponce Paz na década de 50 (planta pavimento térreo) 52
Figura 26 - Casa Ponce Paz década de 50 (planta pavimento superior) 52
Figura 27 - Fluxograma da Casa Ponce Paz 55

Figura 28 - Croqui da casa A21 57
Figura 29 - Fachada da casa A21 57
Figura 30 – Croqui em planta da casa A21 58
Figura 31 - Planta da casa A21 58
Figura 32 - Fluxograma da casa A21 60
Figura 33 - Casa Maria Martha e Fernando Pinho 62
Figura 34 - Planta da casa Maria Martha e Fernando Pinho 63
Figura 35 - Fluxograma da casa Maria Martha e Fernando Pinho 64
Figura 36 - Fachada da casa das Pérgolas Deslizantes 65
Figura 37 – Planta da casa das Pérgolas Deslizantes 66
Figura 38 - Fluxograma da casa das Pérgolas Deslizantes 67
Figura 39 - Fachada da casa A6 69
Figura 40 - Planta da casa A6 70
Figura 41 - Fluxograma da casa A6 71

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 - Utilização predominante Casa Ponce Paz..... 55
Tabela 2 - Utilização predominante Casa Armando Azevedo 49
Tabela 3 - Utilização predominante Casa A21..... 61
Tabela 4 - Utilização predominante Casa Maria Martha e Fernando Pinho 65
Tabela 5 - Utilização predominante da Casa A6 72
Tabela 6 - Utilização predominante da Casa das Pérgolas Deslizantes..... 68

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

NUPHIS – Núcleo de Pesquisa Histórica

MHISB – Museu Histórico Municipal de Bauru

SEPLAN – Secretaria de Planejamento

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO E REVISÃO DE LITERATURA 13
1.1 OBJETIVOS 15
1.1.1 OBJETIVO GERAL 15
1.1.2 OBJETIVOS ESPECÍFICOS 15
1.2 JUSTIFICATIVA 16
2 MATERIAIS E MÉTODOS 17
3 RESULTADOS 18
4 DISCUSSÃO DOS RESULTADOS 19
4.1 HABITAÇÃO: BREVE CONTEXTUALIZAÇÃO DO LAR 19
4.2 GÊNERO: BREVE ANÁLISE DO PAPEL FEMININO NA SOCIEDADE 21
4.3 HISTÓRIA: BREVE ANÁLISE DA ARQUITETURA DOMICILIAR NO CONTEXTO BRASILEIRO 27
4.3.1 BREVE ANÁLISE DA ARQUITETURA DOMICILIAR NO CONTEXTO BAURUENSE 33
4.4 ESTUDOS DE CASO: DO ECLETISMO A CONTEMPORANEIDADE 44
4.4.1 ECLETISMO: CASA ARMANDO AZEVEDO 45
4.4.2 ECLETISMO: CASA PONCE PAZ 49
4.4.3 MODERNISMO: CASA A21 56
4.4.4 MODERNISMO: CASA MARIA MARTHA E FERNANDO PINHO 61
4.4.5 CONTEMPORANEIDADE: CASA DAS PÉRGOLAS DESLIZANTES 65
4.4.6 CONTEMPORANEIDADE: CASA A6 68
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS 74
REFERÊNCIAS 76

1 INTRODUÇÃO E REVISÃO DE LITERATURA

Ao longo da história da arquitetura, a casa assumiu diferentes configurações e organizações espaciais. Lemos (1989, p.11), salienta um traço importante dessa tipologia de edificação ao afirmar que "o interesse de uma residência está muito mais no seu aspecto sociológico, do que nas suas qualidades arquitetônicas decorrentes da técnica construtiva e da intenção plástica". O autor chama a atenção assim, para a importância do aspecto secular da arquitetura residencial.

Freyre (1971), trata a moradia como ventre gerador, abrigo e útero. Dessa forma, ele relaciona diretamente a arquitetura residencial à mulher e à sua capacidade de conceber, cuidar e gerar vida. Diante disso, o autor atesta que a relação humana com a moradia é semelhante à sua relação com o ventre materno. E ainda nos diz que esse vínculo surgiu nos primórdios da civilização, como uma denominação frente às incertezas do mundo exterior e a necessidade de proteção genuína dos perigos externos. Nota-se assim, que o ser humano se deu conta de que através do espaço edificado, poderia escapar do desabrigo designado à aventura de existir, e talvez por essa razão, a relação entre a arquitetura residencial e a mulher se tornou estreita. Nesse contexto, a presente pesquisa aborda a importância do papel da mulher, enquanto pilar central das transformações ocorridas na arquitetura residencial.

Apesar da trajetória feminina no campo da arquitetura ser permeada por uma série de dificuldades relacionadas ao seu reconhecimento nesse meio profissional, a arquitetura residencial se associa muito facilmente às questões de segurança, tornando a casa um sinônimo de porto-seguro de qualquer ser vivente, desde a sua mais tenra existência, e isso também se aplica à figura materna.

Veríssimo e Bittar (1999, p. 21) já atestavam que as mudanças do papel feminino na sociedade e as transformações da arquitetura domiciliar estão estreitamente relacionadas aos aspectos sociais, econômicos e culturais, ao afirmar que “comentar a evolução do espaço de morar é percorrer os corredores das transformações da família brasileira ao longo destes cinco séculos e de uma forma particular, entrever que a mudança do papel da mulher na sociedade torna-se, de uma forma muito frequente, a alavanca dessas transformações”.

Desta forma, a similitude da relação atribuída à mulher e à casa é inegável. Ambas estão estritamente vinculadas.

Para Pallasmaa (1996), a casa é um referencial de espaço da relação humana com o mundo, considerada um fator primordial na construção da subjetividade do indivíduo. Nessa

perspectiva, a casa se converte em um lar, juntamente com todos os aspectos sociológicos e antropológicos que a rodeiam.

Lemos (1989), concorda com isso ao afirmar que o ato de morar é uma manifestação de caráter cultural. Assim, o ato de habitar um espaço está inteiramente relacionado aos usos e costumes tradicionais da sociedade. Segundo a lógica de Lemos (1989), primeiro o modo de vida se altera, depois o espaço acaba se adaptando a ele. É possível afirmar assim, que a casa se adaptou às necessidades de cada época. Portanto, diversos fatores, principalmente sociais, econômicos e políticos influenciaram diretamente o modo de morar.

A partir disso, também se consolidaram as mudanças das funções e demandas que as residências deveriam atender. Assume-se então, que a produção arquitetônica residencial acompanha as mudanças das formas de vida da sociedade. Como consequência, uma vez que a casa, o lar, está intimamente ligado à mulher, infere-se que o papel dela ao longo do tempo também se modificou.

Com isso, questões relacionadas ao ambiente interno residencial, como a setorização interna dos cômodos e todos os detalhes de conforto do "morar" refletem a organização da sociedade.

O programa de necessidades da arquitetura residencial, na sociedade colonial, correspondia, segundo Reis Filho (2011), a um padrão de vida que era muito semelhante às casas rurais, com zonas bem definidas, dimensionamentos e tratamentos arquitetônicos onde a área social, era o ambiente em que proporcionava o contato do mundo doméstico com o mundo exterior. A área íntima, era constituída por alcovas e varandas, consideradas a sala do convívio familiar, e eram domínio das mulheres e dos filhos. A área de serviço, que concentrava a cozinha, despensa, quartos de empregada e o quintal, geralmente situava-se fora da casa ou como apêndice dela e eram espaços, senão exclusivos, fundamentalmente de escravos.

Como essas transformações da casa estão correlacionadas com as mudanças da vida urbana e aos novos hábitos da sociedade, as possibilidades do programa residencial foram ampliadas e a nomenclatura dos ambientes alteradas, geralmente sob influência do vocabulário inglês. Um exemplo bem claro é o escritório, que passou a ser conhecido como home office. Modismos à parte, o fato é que a casa continua sendo uma edificação que realça as singularidades do lar e individualidade das pessoas, porém, todas remetem à universalidade do ser: o ambiente materno.

Assim, mesmo que as técnicas construtivas e materiais se modifiquem com o tempo, a moradia e a maneira como se organizam seus usos, são fundamentais para compreender a

cultura local. Nesse âmbito, a presente pesquisa se detém a investigar o processo histórico do desenvolvimento da arquitetura residencial em Bauru, no sentido de investigar a possibilidade de ter a mulher - e seu papel na sociedade - enquanto pilar central na transformação dessas espacialidades.

Para isso, será necessário um levantamento do arcabouço teórico no que se refere ao desenvolvimento da arquitetura residencial, tendo como parâmetro a figura feminina na sociedade. Pretende-se assim, analisar a ligação entre os fatores e comportamentos socioeconômicos e culturais com o espaço domiciliar e a relação feminina frente à essas mudanças.

A partir disso, será possível compreender a produção da arquitetura residencial, ocorridas no interior paulista, de acordo com suas especificidades locais, exclusivamente na cidade de Bauru.

1.1 OBJETIVOS

Os objetivos gerais e específicos desta pesquisa são definidos como segue:

1.1.1 OBJETIVO GERAL

Esta pesquisa tem como objetivo investigar como a arquitetura domiciliar se transformou e acompanhou as mudanças ocorridas na sociedade e verificar a hipótese de ter a figura feminina como força propulsora dessas novas espacialidades voltadas à arquitetura residencial na cidade de Bauru.

1.1.2 OBJETIVOS ESPECÍFICOS

a) analisar as tipologias de habitação e suas respectivas configurações para compreender as características essenciais das moradias;
b) investigar o processo de desenvolvimento histórico da arquitetura domiciliar no Brasil;
c) analisar o processo de produção da arquitetura na cidade de Bauru;
d) investigar o trajeto histórico da figura feminina na construção do ambiente domiciliar.

1.2 JUSTIFICATIVA

Ao evidenciar o processo histórico da arquitetura residencial e a possibilidade da estrita ligação desta com o comportamento e mudanças do papel feminino, esta pesquisa permite que seja destacada a importância da mulher na sociedade perante a produção arquitetônica residencial.

É notório que, para compreensão do momento presente, é importante e necessário, que se tenha conhecimento acerca do passado. Desta forma, as transições que ocorreram em diferentes períodos da arquitetura residencial servem como indícios para o futuro.

Com base nisso, identifica-se a hipótese de ter a figura feminina como pilar central das alterações advindas na arquitetura residencial, uma vez que Veríssimo e Bittar (1999), já fizeram essa afirmação. À vista disso, o estudo busca realizar uma análise cronológica, espacial e funcional da arquitetura residencial da cidade de Bauru, investigando, para tanto, projetos residenciais do passado e da atualidade.

A partir dessa breve explanação, há de se enfatizar a necessidade de aprofundar a análise para o contexto local, especificamente da cidade de Bauru, pois, apesar de haver vários livros e pesquisas realizadas sobre a história de Bauru e da casa brasileira em geral, não foram encontrados, até o momento, estudos sobre as tipologias das edificações residenciais nesta cidade.

2 MATERIAIS E MÉTODOS

Para desenvolvimento desta pesquisa, foi necessário a realização de um arcabouço teórico referente ao desenvolvimento da arquitetura residencial, tendo como parâmetro a figura central da mulher. Assim, a proposta foi analisar a ligação entre os fatores e comportamentos socioeconômicos e culturais com o espaço doméstico e a relação feminina frente a isso. A metodologia adotada foi a pesquisa bibliográfica envolvendo análise documental primária sobre as mudanças do papel feminino na sociedade e a produção de edificações habitacionais. No tocante a análise do material primário, estes foram realizados por meio de documentos e dados coletados em livros, projetos arquitetônicos, fotografias, sites e artigos para uma análise mais apurada deste tipo de edificação. Realizou-se, concomitantemente, um estudo junto ao Núcleo de Pesquisa Histórica (NUPHIS), do Centro Universitário Sagrado Coração, ao Museu Histórico Municipal de Bauru (MHISB) e a Secretaria de Planejamento de Bauru (SEPLAN), para análise de plantas arquitetônicas e fachadas dos imóveis tombados da cidade, a fim de estabelecer um paralelo com os projetos das residências atuais.

Para contribuição da pesquisa, foi consultado acervos dos locais acima citados em busca de materiais iconográficos para estudo das tipologias residenciais, tanto internamente, quanto externamente. Com a análise desses projetos e o estudo de aspectos sociais e antropológicos, foi possível, portanto, coletar percepções e elaborar organogramas a fim de analisar com profundidade o material obtido.

Dentre os projetos analisados, foram selecionadas seis residências desde o período eclético até o contemporâneo, da cidade de Bauru, para compor os estudos de caso. Vale ressaltar que, a escolha das residências se deu de forma a equalizar a composição da linha cronológica, o material encontrado acerca das residências assim como a originalidade, importância arquitetônica, especialmente, a influência que possa ter causado na cena construtiva e produção da arquitetura local.

3 RESULTADOS

Foi realizada a coleta de dados bibliográficos em livros e artigos referentes ao tema e pesquisas documentais no Núcleo de Documentação e Pesquisa Histórica (NUPHIS), do Centro Universitário Sagrado Coração e no acervo de patrimônio histórico da antiga estação, mais precisamente, o Museu Histórico Municipal de Bauru (MHISB) e a Secretaria de Planejamento de Bauru (SEPLAN). Nestes locais, foram feitas pesquisas e análise de projetos e de fachadas dos imóveis antigos da cidade por meio de fotos, documentos e jornais.

Feito esse levantamento, seguiu-se o desenvolvimento da pesquisa detendo-se ao aprofundamento da questão feminina no contexto residencial e as transformações ocorridas em setores externos e internos das moradias, para isso, a coleta de dados teve continuidade em projetos, fotografias, sites, revistas e jornais para uma análise mais elaborada deste tipo de edificação.

Com esta pesquisa em mãos, foi possível compreender melhor as origens das maneiras de habitar no país, bem como os projetos das residências produzidas na atualidade, e assim, traçar um paralelo com os projetos mais antigos e as casas produzidas atualmente na cidade de Bauru, evidenciando a importância do papel da mulher neste contexto.

4 DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

O desenvolvimento da pesquisa, apresentado a seguir, se baseia em revisão bibliográfica e estudos de caso, realizados a partir de análises de projetos, com o intuito de evidenciar as características externas e internas de residências bauruenses.

4.1 HABITAÇÃO: BREVE CONTEXTUALIZAÇÃO DO LAR

Heidegger (1954), afirma que o ato de construir, exprime também o ato de habitar e ser. Assim, ao construir, o homem passa a existir no mundo.

Nesse contexto, a construção de uma moradia em suas diversas tipologias se revela, fundamentalmente, como construção de uma identidade, atestando para o fato de que habitar é o traço essencial do homem. Assim, a arquitetura domiciliar enquanto unidade arquitetônica de primeira importância, nos remete a um conjunto de atributos que são primordiais à vida.

Segundo Lemos (1989), o ato de habitar é uma manifestação de caráter cultural, portanto, está estritamente relacionado aos usos e costumes tradicionais da sociedade. Com isso, ao morar, o homem consolida as novas demandas que a vida em sociedade impõe, além de ser uma manifestação de pertencimento à vida em sociedade.

Diante disso, a moradia pode ser vista como local de segurança, afeto e o suporte de todas as relações humanas, pois ela define como as outras vivências serão sentidas e experienciadas.

Se por um lado, segundo Lemos (1989, p.9), a casa assume a qualidade de ser o invólucro seletivo e corretivo das manifestações climáticas e, portanto, o abrigo, a segurança e proteção para quem nela vive, por outo lado, internamente, a casa é um espaço de extensão do homem, seu local de existência, de referência, o palco primário de suas experiências interpessoais, assim como local meticulosamente organizado de acordo com hábitos, gostos e outras condições de seus proprietários.

Referente a isso, Carlos (2001), salienta que a casa é o centro geométrico do mundo para o habitante, sua referência, seu equilíbrio. O referencial de lar que a casa possui, traz a noção exata do sentido de pertencimento das pessoas com o restante do universo, já que o homem possui a necessidade de encontrar um lugar no qual possa definir como “seu”, trazendo à tona a ideia de territorialidade, como nos diz Damatta (1997, p. 29): “Para que se possa ver e sentir o espaço, torna-se necessário situar-se”. Dessa forma, o ser humano habita e se percebe no mundo a partir de seu território, sua casa.

Assim, a casa assume a importância de lar, que é mais que uma edificação é um espaço de subjetividade, pois unifica memórias, imagens, passado e presente, assumindo diferentes significados, atingindo uma dimensão simbólica e expressando um sentimento de pertencimento do homem com a sua morada.

Pallasmaa (1996, p.67) amplia a discussão ao afirmar que "a função atemporal da arquitetura é criar metáforas existenciais para o corpo e para a vida que concretizem e estruturem nossa existência no mundo". Por se tratar da casa, esse sentimento é ainda mais intenso, pois a residência é a expressão individual de cada pessoa no mundo. Por esse motivo, se faz necessário entender os sentimentos e intenções que levam os habitantes a executar constantes transformações ao longo dos anos na arquitetura residencial, o que move e instiga a melhorar sempre esse espaço. Para isso, é necessário compreender seu ponto de partida, suas referências históricas e "roupagens", enquanto edificação.

Nota-se isso, claramente, quando Veríssimo e Bittar (1999), alegam que, diante dos progressos resultantes do processo de industrialização, a implementação de energia elétrica, água potável e gás, os hábitos dos moradores se alteraram. Segundo os autores, todos esses elementos trouxeram conforto e praticidade aos afazeres do cotidiano, e como repercussão decorrente desse processo, não só o desenvolvimento das atividades foi alterado, mas provocaram principalmente, mudanças sociais, como por exemplo, a incorporação de mulheres no mercado de trabalho, o que foi um fator importante para a modificação da estrutura social, assim como para as atribuições domésticas dentro do espaço residencial.

Outro fator importante nesse processo foi que a inserção de alguns utensílios, como os eletrodomésticos no uso cotidiano, trouxe mais conforto, praticidade e, consequentemente, novos costumes foram adquiridos pela sociedade.

Dessa forma, a casa, como palco das atividades culturais de seus moradores, passa a ser entendida não mais como uma unidade, mas um conjunto, um todo de representações que refletem a situação econômica, social e cultural de seus habitantes, tornando-a um lar.

Nesta perspectiva, torna-se possível evidenciar a estreita relação do homem com seu lar, onde as alterações desta edificação revelam diferentes hábitos de morar e viver.

Em vista disso, conclui-se que, abrigar é a função básica da casa. Em qualquer lugar do mundo, as casas, por mais que sejam diferentes entre si, possuem algo em comum: a função de ser abrigo, proteção, refúgio e local de construção do ser, como nos diz Bachelard (1990).

Frente a isso, torna-se compreensível que a casa seja nosso primeiro universo, aquele que antecede todos os outros universos a serem experienciados na vida. Assim, a arquitetura

residencial, enquanto unidade arquitetônica de primeira importância, nos remete a um conjunto de atributos que são primordiais à vida, inclusive à vida em sociedade, se equiparando à relação humana com o ventre materno.

Ao analisar o sentido estrito da palavra mãe, segundo o Dicionário Aurélio (2001, p.438), nota-se que esta significa "fonte ou origem de algo". A partir dessa definição, é possível fazer uma analogia com a palavra lar, que segundo o mesmo dicionário, quer dizer: "lareira, onde se acende o fogo, a casa de habitação, a família" (AURÉLIO, 2001, p.418). Nesse contexto, assim como a palavra lar está associada ao fogo, à criação, à fertilidade, origem e metáfora da vida, também a mulher e o ventre materno, se associam à primeira moradia do homem, sua primeira residência; aquela que protege.

Ainda nesse sentido, segundo Miguel (2002), o fogo na arquitetura pré-histórica, era o elemento inseparável da cabana primitiva e, de um modo figurativo, representava a alma da casa, sendo um símbolo da vida e da fertilidade feminina, aquela que unifica e integra a família. A partir desta explanação, fica evidente o compartilhamento desta atribuição tanto pela mulher quanto pelo lar, pois ambos constituem a base do núcleo da família.

É interessante, ao explorar o ponto de vista de Freyre (1971), que quando o autor se refere ao embrião, já está implícito em sua primeira definição de moradia, a relação existente entre a mulher e a arquitetura residencial em sua mais primária condição: a sobrevivência humana. Dessa forma, permitir a sobrevivência é, segundo o autor, uma atribuição inerente à mulher e não por coincidência, também da casa. De forma categórica, natural e sútil, o autor atribui à figura feminina a arte da sobrevivência.

4.2 GÊNERO: BREVE ANÁLISE DO PAPEL FEMININO NA SOCIEDADE

Desde a antiguidade, a mulher ocupou na sociedade uma posição subalterna ou, no mínimo, complementar ao homem.

Apesar da herança histórica do sistema patriarcal, a mulher tem-se inserido cada vez mais como protagonista na sociedade atual, assumindo novos papéis, para além de dona de casa, mãe e esposa, ocupando postos no mercado de trabalho e cargos de liderança em diversos setores.

Segundo Jablonski (2010), o ingresso maciço das mulheres no mercado de trabalho, trouxe profundas transformações socioeconômicas e culturais e têm levado o casamento contemporâneo a um estado de instabilidade.

Segundo o mesmo autor, o modelo herdado dos anos 50, no qual o homem saía para trabalhar e a mulher ficava em casa, dedicada ao lar e aos filhos, parece estar deixando de ser hegemônico.

Por essas razões, provavelmente, nota-se a crescente presença do homem contemporâneo, atuando e cuidando da limpeza, organização e manutenção da casa, além da ajuda no provimento do sustento familiar. Vale ressaltar, que o mesmo acontece com a figura feminina, a qual além dos afazeres e responsabilidades domésticas, possui também a atribuição de ser provedora do sustento familiar, de forma muitas vezes igual, senão superior ao da figura masculina.

Reconhecendo que a busca por um espaço mais simples e funcional se deu pelo fato de as mulheres começarem a trabalhar fora, já que elas eram as que mais realizavam atividades domésticas no cotidiano, principalmente na cozinha, o ambiente interno sofreu várias alterações ao longo do tempo, sobretudo durante as práticas sanitaristas, que segundo Lemos (1989), foi quando se confirmou a necessidade de separar a cozinha dos outros cômodos, uma vez que ela era anteriormente instalada até mesmo ao lado de sanitários, tornando-a então, apenas um local de preparação de alimentos.

Com o crescimento da densidade populacional nas áreas urbanas, foi preciso reduzir o tamanho das casas, o que deu origem aos primeiros prédios e aos cortiços. Essas edificações eram feitas com novos materiais e técnicas construtivas, como o ferro, o vidro e, mais tarde, o concreto armado. Além disso, começam a aparecer profissionais especializados na área da construção, os quais passaram a sugerir propostas projetuais destinadas à principal usuária da casa, a mulher. Rybczynski (2002, p. 85), evidencia o papel da mulher dentro desse processo quando diz que “a casa não só estava ficando mais íntima, como também estava adquirindo, neste processo, uma atmosfera especial. Ela estava se tornando um lugar feminino ou, pelo menos, um lugar sobre o controle feminino”.

Com essa afirmação, é importante enfatizar que o controle da mulher sobre o espaço da casa possibilitou a inclusão do conceito de domesticidade, que diz respeito à intimidade e à devoção ao lar, o que torna circunscrito à casa e as suas particularidades, um fator que integra os sentimentos que envolvem o habitar e a família, tornando-se, portanto, uma conquista feminina.

Acerca desta questão, Bachelard (1990, p.4), reflete sobre a imagem da casa e traz novamente a presença feminina ao afirmar que “apesar das inúmeras variedades, apesar de consideráveis diferenças de aspectos e de formas, reconheceremos que todas essas imagens

nos sugerem um mesmo movimento em direção às fontes do repouso. A casa, o ventre, a caverna, por exemplo, trazem a mesma grande marca da volta à mãe".

Diante disso, é possível afirmar que a moradia não se limita a um aglomerado de paredes e estruturas, mas a uma expansão do sujeito psíquico, ou seja, o ato de habitar consiste em um conjunto de práticas, hábitos e costumes, sendo um sentimento expresso através da organização de seus cômodos, de suas estruturas, da escolha de materiais e revelando muito de quem o habita, por isso cada lar reflete o recorte temporal da sociedade em questão, assim como os traços únicos dos seus moradores.

Em concordância, Montaner (2014, p. 198), atesta sobre a representação histórica do interior residencial e da rua, ressaltando o poder que a arquitetura possui enquanto ferramenta de controle, no caso, controle do espaço feminino, ao dizer que,

> As janelas – reais ou metafóricas – são o espaço por meio do qual o feminino, como modelo cultural e hierárquico, acessa o exterior: a mulher vive o exterior através da experiência da casa: observa a rua da janela e da televisão; a mulher vive uma realidade mediada e vivida por outros, uma realidade que não lhe cabe.

Neste sentido, nota-se que a arquitetura domiciliar adquire a posição de instrumento de poder e dominação da sociedade que confinaram a mulher ao espaço interno da casa, enquanto ao homem cabia viver a realidade, na qual a mulher, assistia pela janela.

Durante o período de industrialização, a reflexão do espaço da moradia como zona de produção fez, segundo Montaner (2014), com que as mulheres de classe média, especialmente nos Estados Unidos, começassem a equiparar a função de preparação de alimentos ao trabalho de uma fábrica.

O objetivo era fazer com que elas pudessem se sentir satisfeitas e orgulhosas, a partir de medidas mais eficientes ao abordar o estudo da casa. Dessa forma, a cozinha ocupava o lugar de linha de montagem, onde as alturas, distâncias e percursos do trabalho de produção de alimentos eram valorizados para tornar algo desejado. Contudo, a condição não remunerada dessa tarefa, fez com que essa tentativa ficasse invisível.

Montaner (2014), revela ainda que no processo de evolução do período clássico ao período moderno, ocorreu uma transformação significante tanto em termos geopolíticos como de urbanismo e arquitetura, fazendo até os espaços da casa, serem traduzidos em uma maior compartimentação do espaço doméstico. Assim, no século XIX, introduziu-se o corredor, como elemento de segregação e de acesso a cada um dos cômodos da casa.

Com isso, os experimentos percorreram todas as escalas até a dissolução patriarcal e burguesa no interior das moradias, conforme salienta Montaner (2014, p. 34) ao afirmar que,

> Os objetos pertencentes à ordem burguesa faziam parte de um sistema fechado, dentro de uma estrutura de paredes de espaços muito subdivididos: desde a disposição dos móveis na sala de jantar da casa patriarcal e burguesa até a situação delimitada dos parques na cidade. A Arquitetura Moderna conseguiu romper e superar essa ordem fechada e hierárquica, experimentando relações mais livres, uma liberdade que vai da tecnologia aberta da construção à configuração dos espaços verdes. De móveis pesados e estáticos de madeira passou-se a um mobiliário de produção industrial, leve, transparente, dobrável e desmontável.

Nota-se com isso, que os reflexos da sociedade moderna nas residências são contundentes, porém são disfarçados de atitudes sutis, para alguns.

O habitar torna a moradia mais que um endereço ou um lugar, a torna uma referência na qual se estabelece a vida e os vínculos entre as pessoas, uma vez que é a partir dela que outras relações se estabelecem, inclusive, as escalas espaciais, onde se entende a rua, o bairro e assim, sucessivamente.

A rua, por exemplo, se torna mais identificável como local público, se comparada com a moradia que está alocada nela, assim, tem-se a rua como um local público e a moradia como local privado. Mas, estas esferas também se tornam perceptíveis com a análise da área interna da moradia. Isso ocorre, de tal modo que, tem-se o quarto do casal como um local considerado mais privado do que a sala de estar.

Ao longo da história, as casas sofreram inúmeras mudanças para se adequar às novas necessidades sucedidas das transformações da definição de conforto e privacidade, conceito que surgiu juntamente com a constituição dos papéis sociais, nos quais a casa tornou-se um refúgio, ocorrendo assim, a separação entre o espaço público e o espaço privado.

A partir do século XIX, a noção de privacidade foi adentrada no espaço doméstico e se tornou uma das funções mais importantes da casa, a mulher se tornou responsável por definir o conforto, que assim como a privacidade, é uma questão de eficiência doméstica e uma consequência do processo de valorização do papel feminino na sociedade.

É importante destacar que, falar da valorização do papel da mulher ainda no século XIX era quase um paradoxo, visto que as mulheres dessa época ficavam confinadas ao lar. Assim como Veríssimo e Bittar (1999), nos afirmam que as mulheres eram impostas a uma clausura quase muçulmana, que restringia seus acessos apenas aos espaços internos da casa. Deste modo, as celebrações religiosas eram consideradas sinônimos de oportunidades para a

figura feminina se socializar, uma vez que se tornava possível que elas escapassem das tarefas domésticas e transformassem as práticas religiosas em atividades de lazer.

Veríssimo e Bittar (1999), ainda ressaltam que essas condicionantes, no caso, a clausura feminina, influenciou na distribuição dos ambientes residenciais e trouxe como resultado a presença da varanda, por exemplo, como forma de vigília e controle.

Também é por esse motivo que a mulher, mais uma vez, é responsável pela transformação da residência, pois é na inclusão da varanda e de um pequeno jardim que de acordo com Veríssimo e Bittar (1999), se cria o espaço de transição como fronteira entre o espaço público da rua e o espaço privado da casa.

A Figura 1, representa esse filtro de privacidade causado pela implantação da varanda na residência.

Figura 1 - Residência com varanda em bairro central

Fonte: JCNET (2018)

As varandas eram muito utilizadas pelas mulheres da casa, pois neste ambiente, elas estavam protegidas dos olhares de transeuntes e visitantes. As varandas frontais, de acordo com Veríssimo e Bittar (1999), geralmente eram direcionadas ao espaço externo, permitindo uma relação entre as duas esferas, pública e privada, servindo como elemento de controle sobre o exterior e de transição, ou seja, um filtro para o visitante ou desconhecido. Deste lugar, elas podiam vigiar as crianças nos quintais e realizar seus afazeres, que na maioria das vezes, estava vinculado às tarefas domésticas e familiar, como limpar a casa, preparar alimentos, cuidar das crianças e vigiá-las, ou seja, enquanto o homem cuidava do exterior, ela cuidava de tudo que pertencia ao interior da casa.

A permanência feminina no interior do lar estava diretamente relacionada às senhoras das classes altas, uma vez que as mulheres das classes desfavorecidas precisavam sair para trabalhar e garantir o sustento da família, assim, o confinamento feminino se devia principalmente à função econômica da mulher.

Freyre (1971), afirma que nas localidades onde havia maior predominância da mulher portuguesa, se desenvolveu um tipo de habitação mais nobre que em outras regiões. Desse modo, o maior domínio da mulher portuguesa sobre a vida colonial se refletiu na arquitetura residencial e no estilo de vida doméstico.

Com a chegada da Corte Portuguesa no Brasil por volta de 1808, iniciou um processo de abertura a uma nova sociabilidade, a vida social das famílias se intensificou, modificando seus hábitos. Com isso, a aparição das mulheres em público se tornou mais comum e as casas passaram a acompanhar essas modificações, principalmente nos setores sociais. Se viu, neste momento, a necessidade de distinção entre as esferas de atuação masculina e feminina, vistas como pública e privada, respectivamente. Mantinha-se assim, a antiga ordem hierarquizada na família e a tendência à demarcação dos espaços público e privado como diferenciados, causando consequentemente, a separação do mundo masculino e feminino.

Nos setores sociais das residências, a mulher era a figura fundamental. Segundo Schettino e Lemos (2014), os interesses privados abordavam a esfera pública, assim, a casa se tornou um espaço privilegiado para a formação de laços de interesses e negócios, o que ocorria em eventos sociais como chás, bailes e todo tipo de festas que eram realizadas nos salões das residências burguesas. Esses ambientes voltados para o convívio social eram privados, porém, havia uma forte influência do domínio público, o que demonstra a estreita relação entre as duas esferas, pública e privada.

De acordo com Damatta (1997, p.15), as residências não designam somente espaços geográficos ou objetos que possuem dimensões, mas acima de tudo, o mesmo autor afirma que

“as residências são entidades morais, esferas de ação social, províncias éticas dotadas de positividade, domínios culturais institucionalizados e, por causa disso, capazes de despertar emoções, reações, leis, orações, músicas e imagens esteticamente emolduradas e inspiradas”. Por essa razão, a casa é definida por ser tanto um espaço íntimo e privativo de seus moradores, quanto um espaço máximo e absolutamente público, como por exemplo, no caso de referir-se ao Brasil como própria casa. Relativo a isso, Damatta (1997, p.16), nos afirma ainda que,

> Tudo, depende de um contraste. Deste modo, meu quarto (por oposição aos outros quartos) é a "minha casa". Já na vizinhança, refiro-me à minha casa incluindo na expressão não só a residência em si, mas também o seu jardim e o seu quintal. Mas, se estou no "centro" da cidade, minha casa pode muito bem ser o meu bairro, com todas as suas ruas e jardins.

Em relação ainda ao aspecto público e privado, Hertzberger (2015), enfatiza os limites de uso dos espaços e possibilita um entendimento nítido sobre as delimitações intrínsecas a cada área de domínio das pessoas. Nessa perspectiva, a rua passa a ser um local mais privado se compararmos com a escala do bairro, e assim consecutivamente. O importante a enfatizar com isso, no entanto, é a relevância da unidade pioneira, e por consequência essencial, na construção desta relação estreita de conexão do ser humano com o espaço: a moradia.

Oferecendo uma ideia de privacidade, a casa representa o ato de estar protegido, de interiorizar-se e se sentir seguro no espaço, os quais são quesitos indispensáveis para a vida humana na sociedade. E tudo isso, antecede a conexão entre a moradia e o espaço urbano, que revela o ponto de partida pelo qual a residência torna-se a principal constituinte das cidades e a extensão da vida humana, dando sentido à existência de quem nela habita.

4.3 HISTÓRIA: BREVE ANÁLISE DA ARQUITETURA DOMICILIAR NO CONTEXTO BRASILEIRO

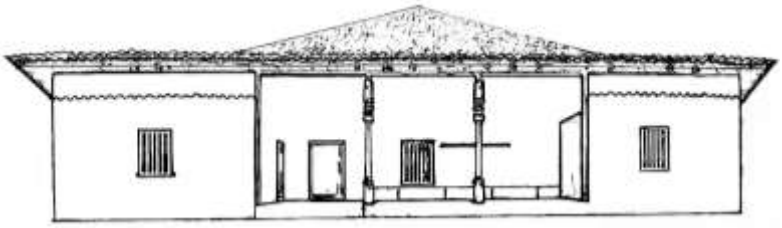
A história da arquitetura no Brasil começou muito antes de 1500, quando a tipologia arquitetônica predominante era a indígena. De acordo com Puppi (1998), foi a partir de 1530 que começou a delinear um novo tipo de residência no país, com o impulso das capitanias hereditárias.

Além da influência dos colonizadores, a arquitetura no Brasil recebeu também a colaboração cultural e arquitetônica africana. Porém, mesmo que quisessem seguir as técnicas europeias na construção de novas edificações, não era viável, visto que a disponibilidade de materiais e de mão de obra no Brasil era muito escassa. Foi aí que se deu início a arquitetura vernácula no país, principalmente nas regiões mais distantes do litoral, onde prevaleceu a arquitetura mais abrasileirada, que embora fosse inspirada nos modelos portugueses, era adaptada as condições construtivas do Brasil.

A arquitetura vernacular, segundo Lemos (1989), é uma técnica própria de lugares carentes de materiais de construção e sistemas apropriados, daí o aspecto característico das casas bandeiristas do início da ocupação do estado de São Paulo no período colonial, predominando no território até o período da construção das ferrovias, no

século XIX. Essas casas possuíam gabarito baixo, geralmente térreas, com janelas pequenas e paredes extensas. De acordo com o autor, outra característica exclusivamente brasileira é a presença do alpendre, que consiste em um prolongamento externo do telhado nas paredes mestras da casa, assim como mostra a Figura 2, a seguir.

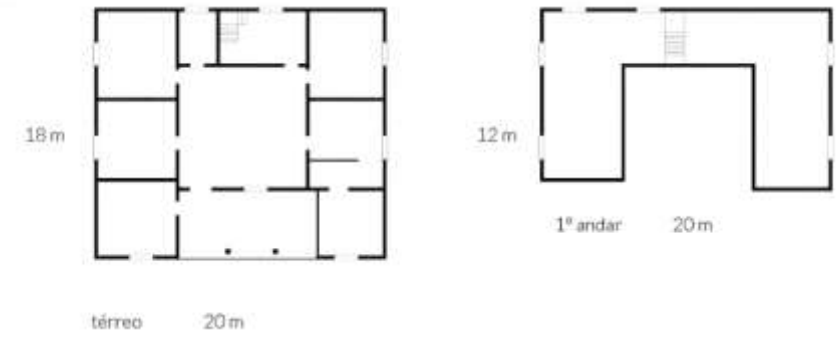
Figura 2 - Casa bandeirista situada no interior de São Paulo



Fonte: elaborada pela autora (2020).

A Figura 2, acima mostra a "Casa do Padre Inácio", construída no início do século XVIII e considerada a mais importante do ciclo bandeirista, essa casa está situada no interior do Estado de São Paulo e foi erguida em taipa de pilão, com planta quadrada. A casa dispõe de volumes uniformes e a sala principal se situa ao centro, sendo acessada pelo alpendre. Aos fundos encontra-se o sótão e em suas laterais a distribuição de cômodos, como representado abaixo, na Figura 3.

Figura 3 - Planta da casa do Padre Inácio



Fonte: Condephaat (2004)

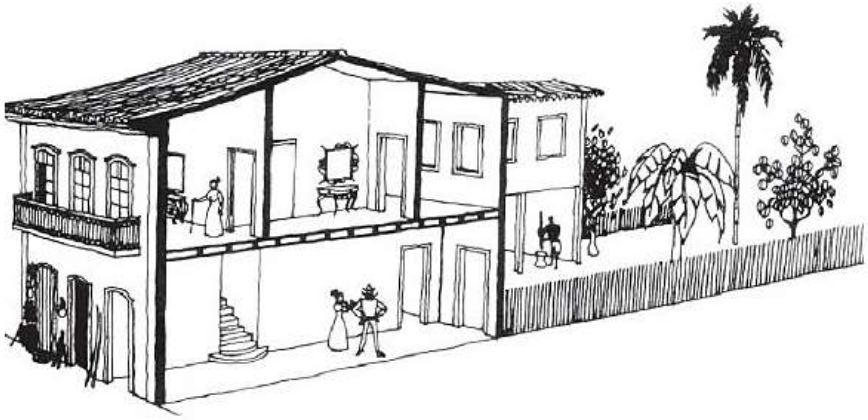
De acordo com Lemos (1989), o alpendre era inserido nas construções residenciais brasileiras para refrescar o interior das casas e como resguardo da família, principalmente das mulheres, pois criava-se na entrada, um espaço de transição do espaço interno para o público.

Assim, de todas as cidades brasileiras, o estado de São Paulo é considerado de acordo com Lemos (1989), um dos que mais apresentou modificações na arquitetura nacional, inicialmente caracterizada pela taipa de pilão em áreas rurais.

As famílias mais abastadas das casas urbanas, recorriam às tendências internacionais para exprimir sua expressão em seus lares, mantendo mais fidelidade às soluções portuguesas, através de ornamentos, mobiliário e principalmente, a disposição no lote, que em geral, ficavam no alinhamento da rua.

Quando pertenciam à classe popular, geralmente eram casas térreas geminadas e com cômodos encarreirados, já os mais ricos possuíam casas assobradas, que em sua maioria possuíam uso misto, com comércio, escritório ou depósitos no térreo e moradia no pavimento superior, exatamente como mostrado a seguir, na Figura 4.

Figura 4 - Esquema de sobrado do período colonial brasileiro



Fonte: Reis Filho (2011).

É possível notar, de acordo com a Figura 4, que as residências dessa época eram mais simples, uniformes, construídas nos limites dos terrenos e sobre o alinhamento das ruas. Obedecendo à mão de obra e materiais locais, a arquitetura domiciliar foi-se modificando pelo Brasil e aos poucos os materiais foram sendo substituídos por alvenaria e mais tarde, por estruturas de concreto armado, rompendo com o formalismo tradicionalista e expressando novas concepções de conforto, graças a esses novos recursos construtivos e novas adaptações, como por exemplo a adoção de corredores laterais, pátios, janelas grandes de vidro iluminando os ambientes e o afastamento entre os lotes.

As construções residenciais brasileiras no início do século XIX se dividiam em, basicamente, casas nobres, sobrados e casas térreas. As casas nobres, segundo Veríssimo e

Bittar (1999), eram espaçosas e possuíam dependências próprias para cada atividade, a fim de comportar as famílias numerosas, os sobrados eram destinados a população de classe média e geralmente eram constituídos de comércio no térreo e as casas térreas eram atribuídas aos mais pobres, pois eram geralmente caracterizadas pela superposição de ambientes, ou seja, um único cômodo tinha várias funções.

Ainda nessa época, as técnicas construtivas eram obsoletas, segundo Veríssimo e Bittar (1999), as paredes por exemplo, eram feitas de terra, pedra e adobe, especialmente nas casas mais simples. O interior das moradias era muito precário, pois não havia iluminação elétrica e nas moradias das famílias mais simples, havia a superposição e nem sempre existia uma divisão precisa entre os cômodos.

Lemos (1989, p. 55), afirma que essas casas neoclássicas, pouco se diferenciavam entre si e salienta:

> Assim, podemos observar casas dessa época correspondente ao final do século XIX apresentando exatamente o mesmo partido convencional e diferenciando-se entre si às custas de ornamentação ajustada, não só ao classicismo, mas também ao neogótico, ao art-nouveau e, na grande maioria das vezes, derivadas da imaginação delirante de mestres de obras inspirados pelos desejos de firmação social do proprietário recentemente enriquecido.

Considera-se então que, com o processo de industrialização no final do século XIX, as moradias passaram a acompanhar as alterações no cotidiano domiciliar.

Em 1914, após a Primeira Guerra Mundial, a importação de materiais de construção da Europa, muito utilizado nas construções ecléticas foi impedida, então a indústria brasileira não viu uma alternativa e começou a receber materiais dos Estados Unidos, o que mudou significativamente o quadro arquitetônico do país. Fazendo uso de matéria prima local, em sua maioria, os arquitetos deram origem ao estilo neocolonial, caracterizado por soluções baseadas no passado das construções brasileiras e dos partidos franceses.

Veríssimo e Bittar (1999), ressaltam que com os impactos da Revolução Industrial, aconteceram mudanças significativas na sociedade, as pessoas passaram a viver nas áreas urbanas e o aumento populacional tornou-se significativo, as mulheres passaram a trabalhar fora constituindo a maioria dos trabalhadores das fabricas têxteis e tinham que conciliar suas longas jornadas de trabalho com as tarefas domésticas, com isso começaram a surgir outras necessidades. E é a partir desse momento, que surge o entendimento de que o conforto não deveria estar apenas relacionado ao bem-estar físico e à beleza, mas também à utilidade. Seguindo essa linha de pensamento, no período após a Revolução Industrial, as casas

deveriam ser mais compactas, não por questões econômicas de espaço e de dinheiro, mas porque casas menores eram mais práticas e funcionais, ou seja, mais fáceis de cuidar.

Reis Filho (2011), acrescenta que as residências conquistaram uma aparência moderna, durante as correntes modernistas no século XX, no Brasil. Assim, o país começou a afirmar sua identidade a partir dos anos 30 e realizar mudanças nos hábitos da sociedade através do uso dos eletrodomésticos, por exemplo.

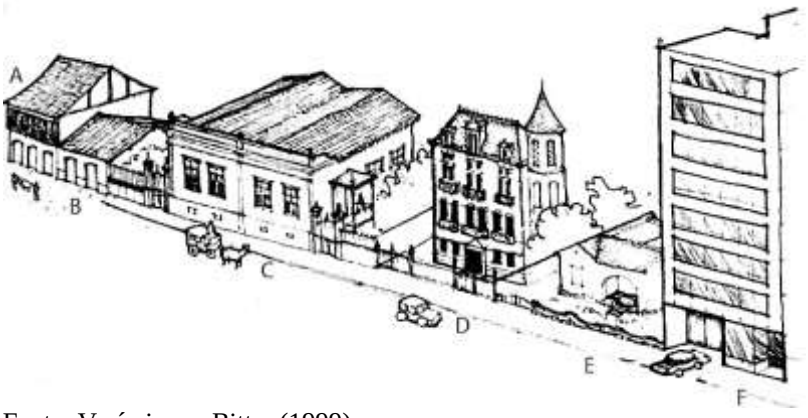
Desta forma, com os impactos do avanço tecnológico e da industrialização, a família passou por transformações em seu cotidiano, no qual a mulher passou a dividir o papel de cuidadora com o trabalho fora de casa, o que consequentemente, causou mudanças significantes na vida doméstica e na dinâmica familiar, o que refletiu no processo de modificação das residências ao longo do tempo, uma vez que as moradias precisavam ser mais práticas, ou seja, havia a necessidade de utensílios e eletrodomésticos. As casas então, passaram a ser menores, devido a necessidade de facilidade na limpeza.

A adoção de um modo de vida capitalista, o trabalho doméstico e as transformações no papel da mulher na sociedade, contribuíram para as modificações do espaço residencial, causando como consequência, a criação de espaços e cômodos com funções específicas e a necessidade de uma nova concepção de moradia, que na época, baseava-se no panorama geral do estilo art-déco. Assim, no início do século XX, as residências brasileiras passaram por significativas mudanças para se adaptarem ao novo contexto social e às novas necessidades dos gêneros, passando por um momento de transição.

Esses fatores influenciaram diretamente no modo de vida da sociedade e no modo de habitar, pois foi nesse momento que se consolidou a alteração do programa de necessidades da casa brasileira, diversificando os espaços. Assim, segundo Lemos (1989), o esquema tradicional de circulação trazido pelo ecletismo foi abandonado e substituído pelo sistema de integração dos espaços.

Deste modo, a arquitetura era inicialmente baseada em preceitos acadêmicos e tendências internacionais. A arquitetura moderna foi então, utilizada na época, principalmente para demonstrar a industrialização e o progresso do país e com isso, sofreu perceptíveis modificações em sua fachada, estilo e gabarito de altura, assim como se nota na Figura 5, a seguir:

Figura 5 - Mudanças tipológicas das residências



Fonte: Veríssimo e Bittar (1999).

Através da observação atenta da imagem acima é possível verificar, de maneira pragmática, algumas das diversas tendências estilísticas das residências do Brasil ao longo do tempo.

A Figura 5, acima, faz um apanhado rápido das residências, como se fosse uma linha do tempo, representado desde as residências do período colonial até as residências contemporâneas.

Diante desta breve explanação e da exposição da Figura 5, nota-se os diferentes momentos da moradia no Brasil através de sua fachada. Observando a Figura 5, ressalta-se que a fachada do modelo A, demonstra uma residência do período colonial, de elevado padrão socioeconômico e que geralmente possuía comércio ou abrigo de criados no térreo e a parte superior era voltada ao uso residencial. Este modelo de casa era construído no limite do terreno não apresentando, portanto, recuos laterais.

Na sequência, representada pela letra B, nota-se uma casa térrea e com área livre lateral, provavelmente testemunhando a tradição agrária, com hortas e árvores suprindo um pouco da alimentação da família, que geralmente era composta pelo proletariado. Este modelo de residência vem seguido por outro modelo de casa mais suntuoso com entrada principal na lateral e porões.

A seguir, a tipologia representada pela letra D, apresenta uma um palacete com grande recuo frontal e múltiplos pavimentos.

Na sequência, nota-se maior liberdade formal na fachada, o que demonstra domínio da técnica construtiva, além dos recuos frontais e laterais e a presença da varanda. Posteriormente, observa-se um edifício de vários andares e janelas em fita, que demonstra o surgimento de uma nova linguagem arquitetônica.

Vale ressaltar que estas estruturas continuam se transformando tanto internamente quanto externamente. Torna-se perceptível então que, primeiro o modo de vida é modificado e, posteriormente, o espaço se adapta a ele.

4.3.1 BREVE ANÁLISE DA ARQUITETURA DOMICILIAR NO CONTEXTO BAURUENSE

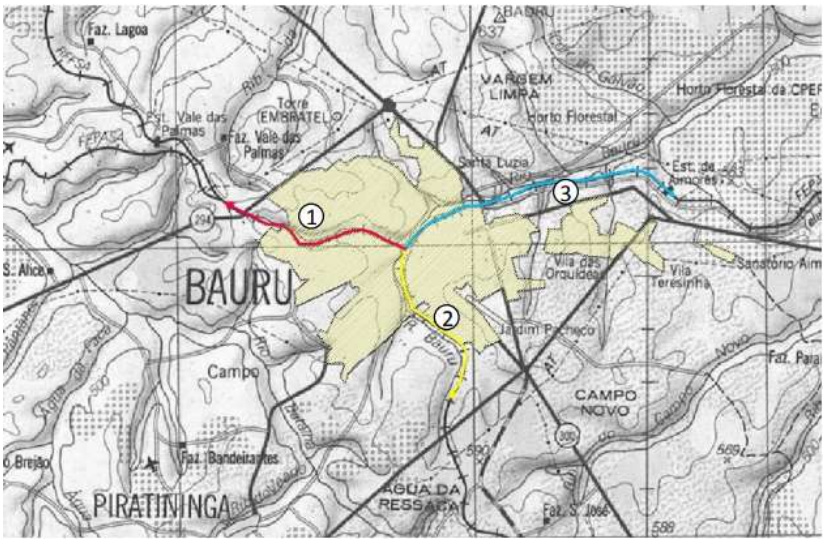
Dada esta breve explanação acerca da produção da arquitetura domiciliar no contexto brasileiro, há a necessidade aprofundar a análise para o contexto local, especificamente da cidade de Bauru.

Para dar início a esta investigação, é necessário primeiramente, entender um pouco sobre a formação urbana bauruense.

De acordo com Ghirardello (2008), a cidade de Bauru é instituída a partir de um patrimônio religioso doado em 1884 e integra uma rede de cidades que surgiu a partir da expansão das lavouras de café, no final do século XIX e início do século XX, pelo Oeste Paulista.

Bauru só se desenvolveu realmente com a chegada das ferrovias, marcadas pela Estrada de Ferro Sorocabana em 1905, Estrada de Ferro Noroeste do Brasil em 1906 e Companhia Paulista de Estrada de Ferro em 1910. Estas eram, inicialmente, pequenas e apresentavam arquitetura ferroviária tradicional, que segundo Ghirardello (2008), representaram um impulso que modificou a arquitetura e modernizou o desenho urbano dessa cidade agrícola e dependente do café, como mostra a Figura 6.

Figura 6 - Mapa de Bauru com eixos ferroviários



Fonte: Secretaria de Planejamento de Bauru (2019).

Segundo Ghirardello (2008), as primeiras populações e o comércio se concentravam ao redor da ferrovia, em edificações geralmente feitas em madeira, visto que este era um produto acessível e conveniente para as construções, como ilustra a Figura 7.

Figura 7 - Residência em bairro ferroviário de Bauru

Fonte: Ghirardello (2008).

Nota-se, a partir da análise da Figura 7, uma característica bastante rural da implantação da casa no lote, uma vez que esta não se apresenta de frente para a rua, demonstrando total despreocupação com o entorno imediato. Observa-se, contudo, um muro com portão delimitando o que é espaço público do que é espaço privado. Como é possível

notar, as casas eram pré-montadas de madeira e segundo Ghirardello (2008), geralmente possuíam apenas três cômodos: quarto, sala, cozinha e o banheiro, que era independente, construído de tijolo e ficava do lado externo da casa.

De acordo com Ghirardello (2008), a partir da implantação das ferrovias, a malha urbana começou a se modificar e isso trouxe a necessidade de construção das vilas, uma vez que a cidade possuía um dos maiores entroncamentos da América Latina. Assim, iniciou o desenvolvimento de vilas próximas aos trilhos e de bairros ferroviários, como a Vila Falcão, primeiro bairro organizado fora dos limites urbanos, como mostra a Figura 8, as vilas se tornaram um fator importante dentro do contexto histórico urbano como representantes do estilo arquitetônico de uma época.

Figura 8 - Moradias ferroviárias na Vila Falcão

Fonte: Vivendo Bauru (2017)

Outros dois bairros da cidade, a Vila Antártica e a Vila Cardia, são bairros rurais e industriais e foram ocupados por operários, devido ao fato de as terras serem mais baratas e, portanto, desvalorizadas para o comércio e para construções nobres devido ao fato de ambos serem segregados da zona urbana.

A Figura 9 é um exemplo de ocupação na Vila Antártica. Identifica-se nesta figura, a estrutura da rua mais definida e as casas já voltadas para a rua. Nota-se também casas em madeira, porém já havia novas tipologias emergindo. Além disso, é possível notar as implantações dentro dos lotes, assim como os recuos laterais e frontais na fachada.

Figura 9 - Vista da Rua Marcondes Salgado na década de 1930

Fonte: Acervo NUPHIS (2020)

A ocupação das áreas norte e oeste da cidade se deu pelas camadas mais pobres. A área da zona Sul, atualmente chamada de altos da cidade, foi ocupada pelas classes abastadas devido à proximidade do centro e a topografia adequada que facilitava a expansão urbana.

A partir de 1950, houve um crescente processo de urbanização, devido ao êxodo rural. Com a ferrovia estabelecendo na cidade uma nova porta de entrada, era vantajoso implantar estabelecimentos comerciais, hotéis e até habitações próximas as estações.

Ghirardello (2008), afirma que, com as estradas de ferro muitos empregos foram criados. O município começou a ganhar infraestrutura e a população aumentou com a chegada das ferrovias e, mais tarde, das rodovias. O café ganhou força no município no início do século e este fato possibilitou uma intensa migração e imigração de brasileiros e estrangeiros para Bauru em busca de desenvolvimento, assim a produção da arquitetura residencial se tornou mais intensa, garantindo a expansão e desenvolvimento da cidade. A Figura 11, ilustra o desenvolvimento da cidade a partir da chegada da ferrovia.

Figura 10 – Vista panorâmica de Bauru por volta de 1920

Fonte: Vivendo em Bauru (2017).

Segundo o mesmo autor, nos anos 60 e 70, a cidade se consolidou como um dos principais polos comerciais e no fim do século XX, teve início a expansão do setor industrial e a paisagem urbana começou a mudar rapidamente com a implantação dos arranha-céus na região central, como mostra a Figura 11.

Figura 11 - Edifício de múltiplos pavimentos em Bauru

Fonte: Jornal da Cidade (2015).

Deste modo, fica claro que a ferrovia exerceu muita influência sobre a configuração da cidade, sendo responsável principalmente pelos bairros ferroviários.

Nesse sentido, por ser considerada um mediador do espaço, como afirma Hertzberger (2015), a casa estabelece uma relação entre o público e o privado, e se expõe para o exterior projetando a imagem a ela imposta pelos seus usuários, dessa forma, ela se relaciona com o contexto no qual está inserida - gerando diversas configurações - e manifestando em sua exterioridade, o resultado das transformações ocorridas no espaço urbano ao longo do tempo.

Pode-se afirmar então que, as casas, principalmente suas fachadas, são testemunhas das transformações ocorridas ao longo do tempo e guardam em si a história da sua cidade, da sua região e de uma determinada época, através da observação dos materiais e sistemas construtivos nelas presentes.

Isso se nota em Bauru, pois a ferrovia exerceu muita influência sobre a arquitetura residencial, uma vez que, antes da chegada da estrada férrea, as casas eram de madeira, construídas no início do povoado de “Bahuru”, por volta de 1856, como mostra a Figura 12, abaixo.

Figura 12 - Residência de madeira na rua Araújo Leite

Fonte: Elaborada pela autora.

Como observa-se na Figura 12, estas casas possuíam poucas aberturas e telhado de duas águas e tinha recuos laterais que serviam como quintais para cultivo da agricultura de subsistência familiar.

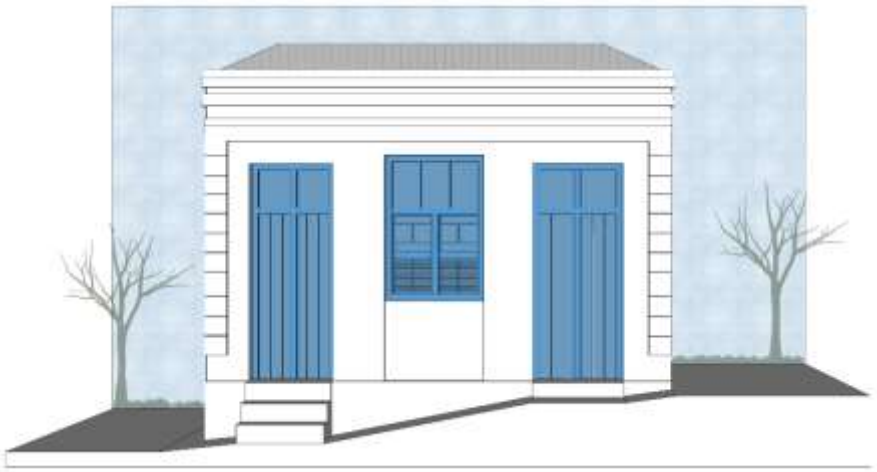
As primeiras edificações da cidade geralmente eram construídas de taipa, madeira ou tijolos e com arquitetura simples, porém, semelhante às moradias coloniais. De acordo com Ghirardello (2008), nas vilas, especialmente as vilas e bairros ferroviários, era comum o predomínio de tipologias arquitetônicas como a habitação isolada, as casas geminadas ou implantadas em fita.

Segundo o mesmo autor, as habitações isoladas geralmente eram destinadas aos funcionários de cargos mais altos dentro da ferrovia e eram implantadas no centro dos lotes,

além de possuir mais cômodos, bem como jardins e varandas. As casas geminadas eram projetadas em pares, com um programa mais simples. Já as casas em bloco ou fita, eram destinadas ao demais funcionários da ferrovia.

Além das casas de madeira, foi construída também em 1896, a Casa dos Pioneiros, que foi a primeira casa de alvenaria a surgir dentro de um povoado que se tornaria a cidade de Bauru, atualmente, apesar de ser um bem tombado pelo patrimônio histórico da cidade, a casa encontra-se em ruínas, se já não foi demolida. Na Figura 13, abaixo, pode-se verificar um desenho elaborado com base em fotografias da respectiva residência citada.

Figura 13 - Representação da Casa dos Pioneiros



Fonte: Elaborado pela autora.

Após a chegada da ferrovia, a ocupação territorial se alterou, a maioria das residências ocupavam o entorno da linha férrea o que possibilitou a criação de bairros ferroviários e consequentemente, acelerou o crescimento da cidade. Esses bairros eram constituídos por moradores que trabalhavam na ferrovia e geralmente possuíam um estilo arquitetônico predominante, baseado na tipologia bandeirista, na qual as casas ficavam dispostas horizontalmente no lote, com planta quase sempre retangular e distribuição simples de ambientes e aberturas na fachada, eram construídas com alvenaria autoportante e no limite frontal do lote, mantendo o conceito do quintal familiar. Sendo assim, a companhia começou a construir vilas de casas próximas aos entroncamentos ferroviários, para abrigar seus funcionários.

Com a chegada da Estrada de Ferro Noroeste do Brasil (EFNOB) em 1906, teve início um rápido processo de desenvolvimento socioeconômico da região, como mostra a Figura 14.

Figura 14 - Casas da vila ferroviária em 1920

Fonte: Acervo NUPHIS (2020)

Já as residências na Vila Noroeste foram construídas por volta de 1930, com uma tipologia mais marcante e rica em detalhes, eram voltadas aos cargos mais altos da companhia, como por exemplo, a Casa do Superintendente da NOB, construção de estilo eclético, erguida na Rua 1º de Agosto, como mostra a Figura 15, abaixo.

Figura 15 - Casa do Superintendente da NOB

Fonte: CODEPAC (2003)

É possível notar, na Figura 15, o requinte das construções nobres da época, que simbolizava acima de tudo, o status social. Nessa época, as casas nobres possuíam maior importância arquitetônica na cidade, por conta de sua diversidade de estilo que refletia a hierarquia presente na companhia ferroviária, a qual era representada desde a implantação dos

lotes até o partido arquitetônico das construções, refletindo a estética e a modernidade trazida pela ferrovia, formando assim um conjunto rico no centro de Bauru.

De acordo com Reis Filho (2011), foi sob inspiração do ecletismo que surgiu novas implantações das residências nos lotes, assim, os recuos do edifício em relação aos limites do terreno representavam uma libertação das construções antigas, além disso, era possível notar elementos paisagísticos, característica evidente do ecletismo que oferecia melhores condições de iluminação e ventilação na edificação.

Devido a esse fator, os lotes começaram a se supervalorizar na cidade de Bauru, dificultando a ocupação operária e dando origem aos bairros operários, como a Vila Falcão, primeiro bairro em Bauru que recebeu funcionários da ferrovia, além de loteamentos que eram realizados nas linhas ferroviárias, como menciona Ghirardello (2008).

As transformações arquitetônicas no Brasil ocorreram principalmente nas áreas das residências, transformando as fachadas. Os exteriores coloniais e tradicionais foram substituídos progressivamente por tendências de cada época, bem como a distribuição interna que também se alterou, sempre com o objetivo de reproduzir as casas e o modo de vida europeu.

Na cidade de Bauru não se encontrou muitas diferenças. As habitações da rua Batista de Carvalho, por exemplo, que se reforçou como centro de comércio, possuía moradias nobres. A casa Ponce Paz é uma delas, que foi construída em 1938 por espanhóis radicados em Bauru, se caracterizando como uma edificação eclética. Desse modo, a localização das moradias passou a estar vinculada à condição econômica e social dos habitantes, assim como na região sul, onde se concentravam as casas das famílias de maior poder aquisitivo. Em ambas as residências, havia predominância de influências e elementos no estilo europeu.

Figura 16 - Casa Ponce Paz localizada no centro de Bauru

Fonte: Museu Histórico de Bauru (2014)

Através da Figura 16, é possível observar a mistura de estilos arquitetônicos clássicos, neoclássicos e barroco, característica marcante do ecletismo presente nesta edificação através dos ornamentos, pequenas varandas e o telhado sem platibanda.

Com a influência dos progressos na tecnologia e o avanço da industrialização, de acordo com Ghirardello (2008), os sistemas construtivos evoluíram e suscitaram mudanças significativas na arquitetura, que repercutiram nos modos de habitar, por exemplo, as casas que eram de madeira e passaram a ser construídas com alvenaria após a chegada do sistema ferroviário na cidade.

A Figura 17 abaixo, por exemplo, representa uma residência de classe média com influências europeias, como a presença de adornos e a varanda neocolonial com jardim frontal. Trata-se da casa Aliança Francesa, bem tombado como patrimônio histórico da cidade, que possui características distintas das edificações da época, possuindo imponência e simetria.

Figura 17 - Residência eclética no centro de Bauru

Fonte: CODEPAC (2004)

Atualmente, o uso da edificação da Figura 17, acompanha as mudanças das quais vem passando o centro urbano de Bauru, que anteriormente era de uso predominante residencial e hoje, a edificação é utilizada como estabelecimento comercial, representando a evolução histórica da cidade.

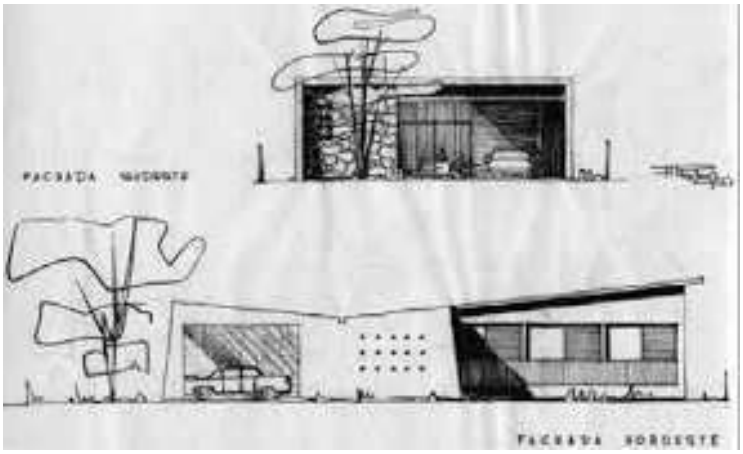
Geralmente, as casas construídas nessas vilas recebiam influências europeias, ou seja, se reproduzida a arquitetura do exterior nas vilas, adaptando-se a realidade da cidade paulista. Até as casas mais populares possuíam características do estilo neocolonial, como por exemplo, o modo como era implantada no lote, sendo centralizada e apresentando recuos, o jogo de telhados que garantiam a volumetria, a presença de varanda com alpendre e arcos na entrada e em algumas esquadrias do pavimento térreo, sua ornamentação na fachada é quase nula e bem sútil.

Segundo Ghirardello (1992), até meados da década de 1920, a população se concentrava na região central de Bauru, mas com a necessidade de moradias, devido ao crescimento populacional a partir de 1926, começaram a surgir bairros em diversas direções da cidade.

Na cidade de Bauru, as obras modernistas chegaram por meio do arquiteto Fernando Pinho, que segundo Pupim (2006), com o plano de urbanização do bairro residencial Jardim Estoril, por volta de 1958, com desenho inspirado na unidade de vizinhança de Brasília pelo arquiteto Lucio Costa e Oscar Niemeyer, que encontra imensa receptividade em várias cidades brasileiras.

Os projetos arquitetônicos de Fernando Pinho foram de extrema importância na afirmação da arquitetura moderna em Bauru, a partir da década de 1950. A Figura 18, representa os estudos em croquis para o caso da primeira residência modernista do arquiteto na cidade. Pode-se observar que a obra possui uma volumetria principal em conjunto com os acessos, fechamentos, a cobertura e as aberturas em planos diferenciados e diversos tipos de materiais, priorizando formas simples e geométricas.

Figura 18 - Croqui de residência modernista em Bauru



Fonte: Pupim (2006)

Segundo Veríssimo e Bittar (1999), na década de 1970, o mercado imobiliário se aproveitou das condições de crescimento urbano para investir nesses novos programas habitacionais, oferecendo uma diversidade de facilidades e isolando os usuários do contato com o restante da cidade, disponibilizando segurança, conforto e lazer para a população de maior poder aquisitivo. Santos (2008, p:22) também afirma isso ao salientar que,

> A zona sul da cidade é a região onde predominam os bairros residenciais elitizados e existe uma mobilização desse setor da população orquestrado pelas agências urbanizadoras e construtoras, a fim de se evitar a construção de moradias populares, resultando na proliferação, nos últimos anos, de condomínios horizontais e de loteamentos fechados nesta região.

4.4 ESTUDOS DE CASO: DO ECLETISMO A CONTEMPORANEIDADE

Em sua essência, a casa é um complicado programa de arquitetura a ser resolvido se quisermos atender plenamente a todas as suas condicionantes, permitindo um bom funcionamento e um fluxo ideal. (VERÍSSIMO; BITTAR, 1999, p. 20).

As mudanças ocorridas ao longo do século XIX no Brasil, são consequências de transformações em várias dimensões da sociedade. Para estudar as modificações do espaço residencial é imprescindível analisar os aspectos comportamentais e assim, associar suas mudanças às alterações ocorridas no espaço do habitar.

A partir dessa análise, é possível afirmar que a casa é o reduto da família uma vez que reflete a sociedade da qual ela faz parte. E o espaço interno da casa, mais do que a fachada e elementos externos, é o reflexo mais puro do comportamento e das necessidades familiares. Assim, sua evolução ou modificação está estritamente associada às transformações da família e sobretudo, às mudanças do papel da mulher na sociedade.

A mudança na forma de pensar influenciada pela ciência, religião e política estabeleceu novos papéis sociais tanto feminino como masculino. As novas categorias de conhecimento, como a medicina higienista, atuaram diretamente na vida da população incluindo práticas antes desconhecidas, como a preocupação com o asseio pessoal e a forma de preparar os alimentos. A criação de novas tecnologias também, influenciando no conforto e na privacidade ao produzirem equipamentos que possibilitaram um novo arranjo doméstico.

As inovações em termos de materiais e técnicas construtivas contribuíram para o desenvolvimento no que tange ao projeto arquitetônico e na qualidade das ambiências internas. Somando-se a essas categorias, segundo Veríssimo e Bittar (1999), tem-se a urbanização acelerada das grandes cidades, gerada pela industrialização dos países tanto no

continente europeu quanto nas américas e sua participação na elaboração de um novo modo de vida mais gregário. Todas essas questões forneceram elementos que, juntamente com a situação econômica e política no Brasil durante a Primeira República, alteraram a forma de morar da elite e os projetos arquitetônicos de suas residências.

As transformações arquitetônicas no Brasil ocorreram também nos interiores das residências, transformando o modo de habitar. Os interiores coloniais e tradicionais foram substituídos progressivamente por tendências de cada época, bem como a distribuição interna, que tinha como objetivo reproduzir as casas e o modo de vida europeu. Apesar da grande discussão a respeito da estética arquitetônica, há poucos estudos sobre o programa funcional e suas mudanças com o passar do tempo.

Por esse motivo, a análise do uso espacial, interno das casas, que foram vagarosamente formando o centro urbano da cidade de Bauru, será feito principalmente com o foco nas casas da elite social de cada época. Desta forma, foram selecionadas seis residências, desde o período eclético até o contemporâneo, localizadas em bairros importantes da cidade, mais especificamente na região central e sul, que serão analisadas e organizadas em ordem cronológica, a fim de facilitar a compreensão tanto no que se refere ao aspecto estético quanto em relação às influências práticas, espaciais e seu reflexo na vida cotidiana das pessoas.

Os pontos analisados em cada projeto seguem a linha de análise de tipologia, elementos de fachada, distribuição interna e usos predominantes, ou seja, a utilização da casa foi dividida em feminino, masculino e serviçal - sendo esse feminino também – uma vez que, quando não era a própria dona da casa, os cuidados e afazeres domésticos geralmente competiam à outras mulheres, contratadas para ocupar tal função. Dessa forma, o estudo foi feito com base nos gêneros que passavam a maior parte do tempo e exerciam certo domínio em determinados cômodos da casa.

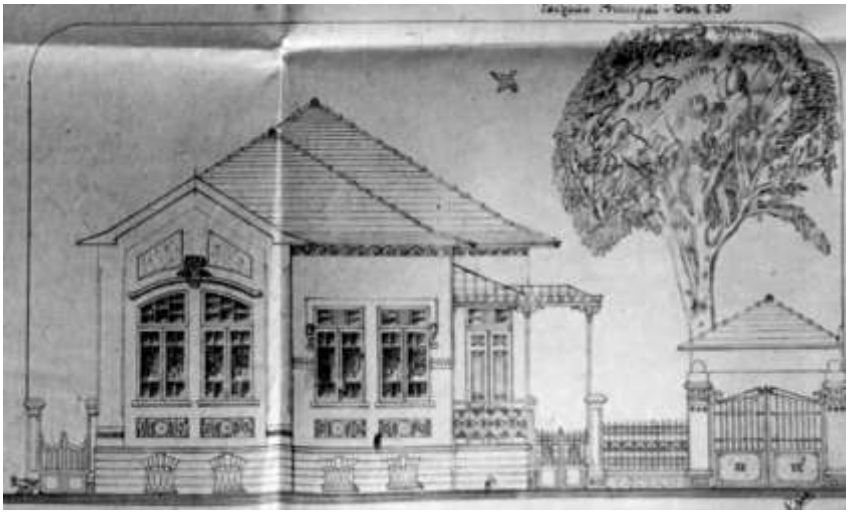
Vale ressaltar que, em alguns projetos analisados, havia ausência de dados, como nome do arquiteto ou profissional responsável e localização do imóvel na cidade.

4.4.1 ECLETISMO: CASA ARMANDO AZEVEDO

Entre as plantas analisadas, foi encontrado o exemplar de 1927, projetado para o senhor Armando Azevedo. Essa residência possui planta e fachada típica do período eclético, em lote sem recuo frontal, sobre porões e jardim lateral. Segundo Ghirardello (2021), nesse período era comum que os jardins ficassem situados na frente das residências ou em sua lateral, sempre na tentativa de reproduzir um paisagismo romântico ou geometrizado. Ainda

segundo o autor, as residências de entradas laterais eram mais frequentes do que as dotadas de entradas frontais e jardins, como é possível observar a partir da análise da Figura 19, abaixo.

Figura 19 - Fachada da casa Armando Azevedo, datada de 1927



Fonte: Acervo da Prefeitura Municipal de Bauru (2020)

Com uma fachada rica em ornamentos e telhado em quatro águas, a residência possui entradas bem demarcadas, sendo a de serviço localizada em um corredor estreito, a de veículos através de largo acesso e a entrada principal pelo portão junto à escada da varanda.

O acesso para o interior do imóvel se faz pela lateral, também através da varanda. Dessa forma, a distribuição dos ambientes é alterada em relação à disposição tradicional.

Nesse exemplar, a sala de jantar é o centro da casa e faz a distribuição de fluxos para a maioria dos ambientes restantes, como se observa na Figura 20.

A garagem está presente ao fundo do jardim, junto com o quarto de “criada”, conforme os termos da época que se referiam a empregada. O depósito de lenha, fica localizado juntamente, intermediando com a garagem e constituindo uma edícula aos fundos da residência.

Figura 20 - Planta da casa Armando Azevedo

Fonte: Elaborada pela autora

A partir da análise da Figura 20, que se refere à planta do pavimento térreo da residência construída em 1927, é possível observar a setorização rígida entre as zonas, social, íntima e serviços, a qual proporciona uma maior intimidade dentro dos espaços residenciais, separando as visitas, os empregados e os cômodos de uso exclusivo da família. Entretanto, no setor íntimo, ainda é possível encontrar portas ligando os quartos, que contam com uma entrada pelo corredor e outra através dos quartos vizinhos, o que diminui a privacidade dos ocupantes. Nesse período, a privacidade da família já se encontrava bem estabelecida, porém, a privacidade individualizada dentro da casa ainda estava em processo de definição.

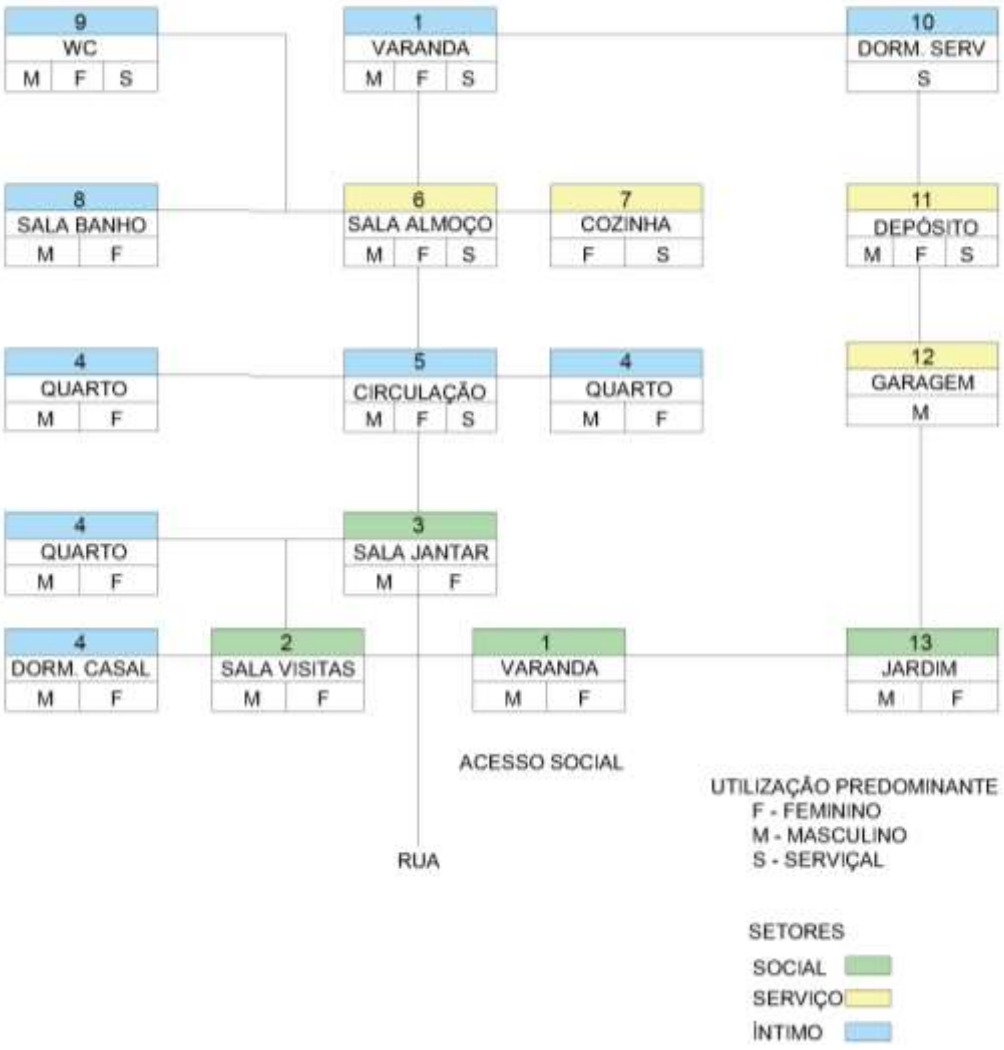
A distribuição dos ambientes nessa tipologia ainda se mostra bastante tradicional, uma vez que se observa a separação entre a circulação de criados, patrões e visitantes, e entradas distintas para o setor social e para o de serviços. Nota-se ainda que o setor social, possuía muitas vezes mais de uma entrada.

Segundo (Schettino e Lemos, 2014), também era muito comum a sala de jantar ou outra sala ter um pequeno terraço ou varanda voltados para o jardim na lateral da casa ou nos fundos do terreno.

Os aposentos dos empregados domésticos, geralmente, quando dentro da casa, possuíam entrada para a área externa, sem acesso direto ao interior. O mais frequente, porém,

era sua alocação em uma edificação separada, localizada nos fundos do terreno, junto a outros cômodos de serviço e à garagem, conformando o que na época se denominava como puxado, e mais tarde, se tornou a edícula das casas brasileiras.

Figura 21 - Fluxograma da casa Armando Azevedo



Fonte: Elaborada pela autora.

Analisando o organograma funcional representado pela Figura 21, pode-se notar que apesar de apresentarem algumas modernidades no programa de necessidades das habitações desse período, como garagem, vários banheiros e equipamentos domésticos, é possível perceber a permanência de certos elementos tradicionais, como a utilização predominante dos espaços e a setorização, resquícios do período colonial.

Vale salientar que nessa época, entre a década de 1930 e 1950, era comum encontrar vários cômodos masculinos em uma residência, porém, a presença feminina ainda se destacava.

Um ponto interessante a se destacar nesta casa é que ela conta ainda com a sala de almoço, o que sugere que a sala de jantar era um local bastante único e para ser usado em ocasiões especiais, caso contrário, não haveria a necessidade de criar esse outro cômodo. Observa-se com isso também, uma maior compartimentação do espaço interno das casas e, consequentemente, uma área maior construída para abarcar esta função.

Analisando esta residência e através dos estudos bibliográficos realizados para esta pesquisa, pode-se firmar a hipótese de predominância da utilização da mulher nos espaços, a qual constitui noventa e quatro por cento de presença dentro da casa, como mostrado na Tabela 1, abaixo.

Tabela 1 - Utilização predominante Casa Armando Azevedo

Gênero	Utilização Predominante (%)
Feminino	94%
Masculino	88%

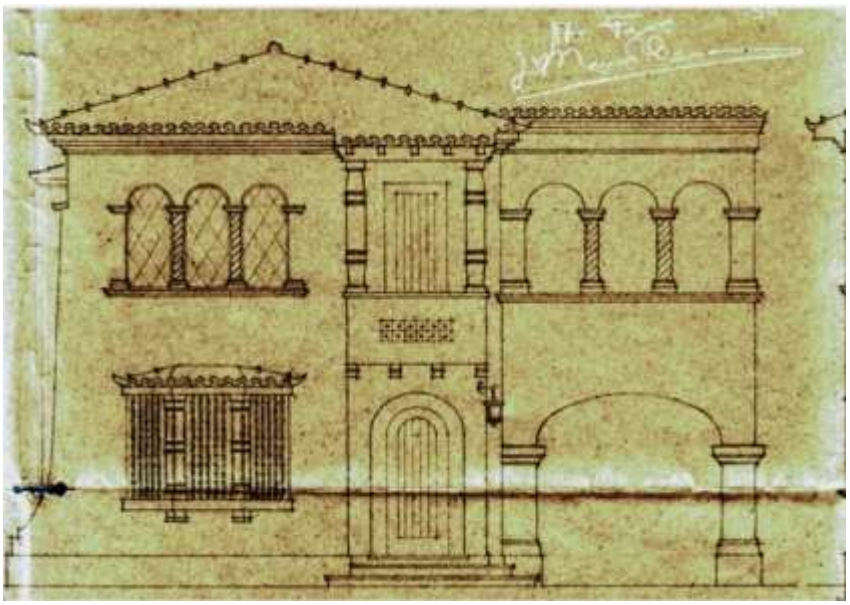
Fonte: Elaborada pela autora.

4.4.2 ECLETISMO: CASA PONCE PAZ

Construída no cruzamento das ruas Antônio Alves e Ezequiel Ramos, em um lote de esquina, com jardim lateral e frontal, a casa possui internamente, decoração de painéis de azulejo, onde antigamente existia uma fonte de água, cercada por grades de ferro batido artisticamente, que se repetiam nas janelas e muros. A edificação data do final da década de 1930 como residência familiar, projetada pelo arquiteto João Cacciola e em 2008 foi tombada como patrimônio histórico e se tornou a Pinacoteca Municipal.

A Casa Ponce Paz é composta por dois pavimentos, construídos para abrigar a residência da família do Sr. Alfredo Fígaro. A fachada da residência foi projetada em estilo eclético, como representado na Figura 22, abaixo.

Figura 22 – Fachada original da Casa Ponce Paz

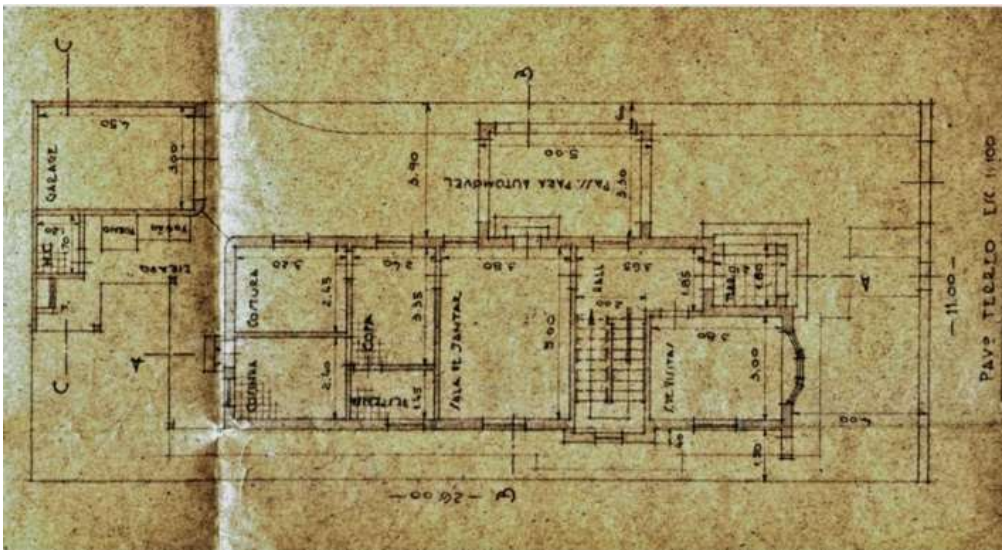


Fonte: Acervo da Casa Ponce Paz (2014)

A varanda dessas casas ficava situada na parte frontal ou nos fundos. Segundo Veríssimo e Bittar (1999), essa era constituída por espaços grandes e tinha funções muito importantes, pois era não somente um espaço de transição, mas também servia como apoio para a cozinha e área de convivência, por isso o nome de “sala de viver”. Esse espaço era muito utilizado pelas mulheres da casa, pois neste local elas estavam protegidas dos olhares de estranhos e podiam vigiar as crianças nos quintais, bem como realizar muitos dos seus serviços domésticos.

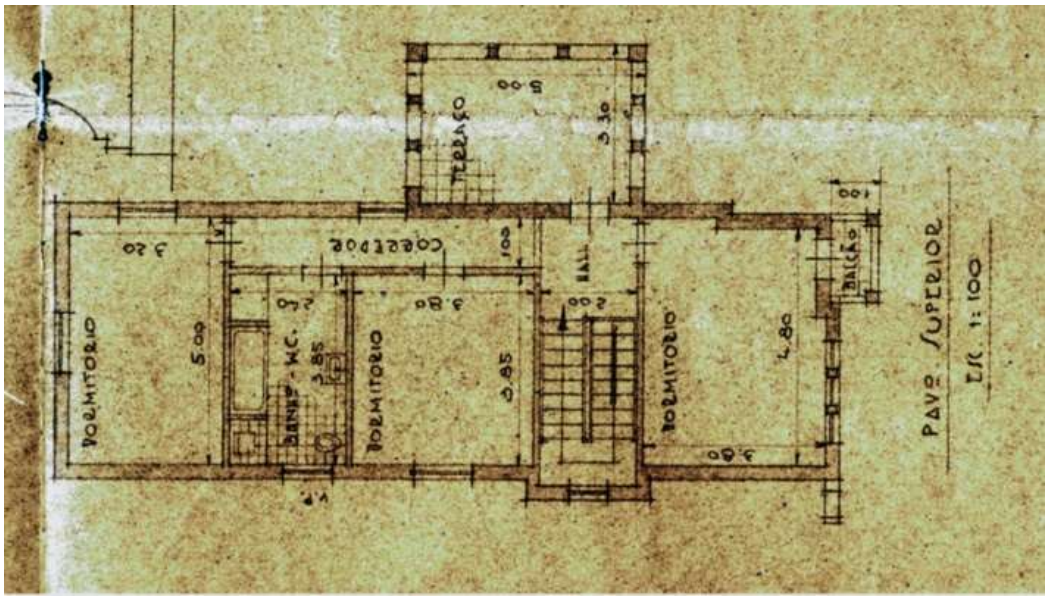
No decorrer dos anos, o edifício passou por várias modificações estruturais, respondendo aos novos usos a que foi destinado. Essas modificações podem ser comprovadas comparando as plantas originais da residência e as plantas atuais, datadas da década de 1950, conforme vê-se nas Figuras 23, 24, 25 e 26, respectivamente.

Figura 23 - Planta original da casa Ponce Paz (pavimento térreo)



Fonte: Acervo da Casa Ponce Paz (2014)

Figura 24 - Planta original da casa Ponce Paz (pavimento superior)



Fonte: Acervo da Casa Ponce Paz (2014)

Figura 25 - Casa Ponce Paz na década de 50 (planta pavimento térreo)

Fonte: Intervenção da autora sobre planta do Museu Histórico de Bauru (2010)

Figura 26 - Casa Ponce Paz década de 50 (planta pavimento superior)

Fonte: Intervenção da autora sobre planta do Museu Histórico de Bauru (2010)

A partir da análise da Figura 25, que se refere a planta do pavimento térreo da Casa Ponce Paz, é possível notar que há nesse pavimento a presença somente de setores sociais e de serviço. A organização funcional dos ambientes nas primeiras casas da área urbana de Bauru era muito parecida para os moradores mais humildes da região e em todo o país.

Esse fator se explica pelo desenho estreito e longilíneo das casas e pela implantação de residências com telhados de duas águas movimentados com beirais de telhas capa-canal seguindo o modelo português. Assim era formado um padrão construtivo constituído por uma sala de recepção logo à entrada, um corredor que saía dessa sala e acessava os dormitórios e, ao fundo, as áreas de serviço e a varanda, espaço de transição para o quintal. O programa funcional dos sobrados apresentava poucas diferenças em relação ao das casas térreas urbanas.

As casas nessa época quase não tinham mobiliário e estes priorizavam a funcionalidade e não a estética, sendo compostos por poucas mesas, cadeiras, camas e pequenos armários. Foi a partir do final do século XVIII, que começou a surgir maior busca por conforto, assim se tornou comum encontrar sofás e poltronas nas salas das residências.

Aos fundos da casa ficava uma varanda ou "sala de viver" e junto a ela havia um espaço proposto à preparação dos alimentos, a cozinha e ao fundo do terreno, ficava o quintal. Na sala de visitas que ficava na entrada da casa, os moradores recebiam os amigos e convidados, onde geralmente aconteciam os almoços, jantares e as comemorações da família e não permitia o acesso físico e visual do visitante aos demais setores da casa, o que também impedia as mulheres de serem vistas pois nesses dias elas se recolhiam em suas alcovas ou na varanda, ao fundo da casa.

Em relação ao programa funcional, segundo Schettino e Lemos (2014), os sobrados, foram apresentando a partir do século XIX divisões mais definidas: os setores social, privativo e de estar-serviço, sendo este último referente às varandas e ao quintal, que eram de uso cotidiano dos moradores, e o setor privativo que se situava no eixo central de circulação da casa. Na época, essa setorização funcional foi uma novidade dos sobrados em relação às demais casas, mostrando uma preocupação um pouco maior em sua organização.

Essas mudanças significativas foram influenciadas pelos fatores de segregação e o resguardo da mulher de classe alta, somados à convivência de dois extremos das classes sociais sob o mesmo telhado, o que favoreceu essa organização padrão, que ainda é encontrada, de forma muito semelhante, na arquitetura das residências atuais.

Assim, tanto nas casas térreas como nos sobrados, a vida social, a privativa e os serviços aconteciam no mesmo piso. Todavia, nos sobrados, a adição de mais um pavimento favorecia a maior divisão dos espaços de uso cotidiano da família. Além disso, o sobrado também favorecia o resguardo da mulher dentro da casa, visto que sua presença cotidiana ocorria primordialmente na varanda, na cozinha e nas alcovas, ambos ambientes no pavimento superior ou ao fundo do terreno e protegidos de olhares. Ficando então, o piso

térreo sob utilização exclusiva pelos homens da casa. Desse modo, fica explicito que o programa funcional das casas urbanas refletia de forma efetiva, a cultura e as características gerais de uma sociedade simples e patriarcal.

Segundo Reis Filho (2011), os sobrados geralmente eram de propriedade dos fazendeiros e comerciantes abastados, com uma arquitetura que permitia que o morador deixasse todo o pavimento térreo para uso comercial e se o morador não fosse um comerciante, deixava o espaço térreo para uso social ou para abrigo de escravos e animais.

Por volta da década de 1800, o cozimento de alimentos nas casas urbanas passou a acontecer em um único local, a cozinha, que normalmente ficava localizada ao lado da varanda, muitas vezes como uma extensão da casa, ou seja, como o famoso "puxadinho".

No caso da casa Ponce Paz, construída por volta de 1930, época em que muitas transformações na arquitetura já estavam consolidadas, a sua construção era ornamentada seguindo os padrões da moda estética e dos costumes das famílias burguesas do período, que era fortemente influenciado pelos referenciais da capital paulista, trazidos a partir do surgimento da ferrovia na região.

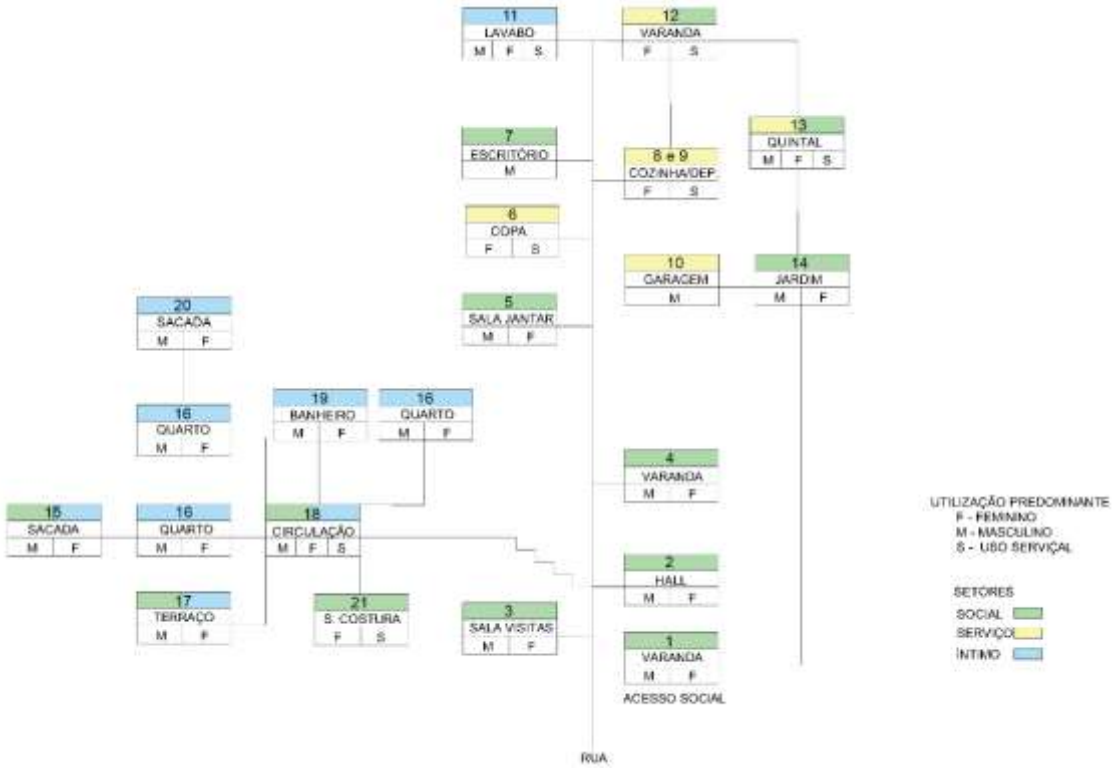
No Brasil, assim como na cidade de Bauru os sobrados começaram a ser construídos pelas famílias mais abastadas e geralmente o pavimento térreo era ocupado pelo comércio e o pavimento superior destinava-se a moradia, o que não a diferenciava da configuração da casa térrea não tendo, portanto, modificações significativas.

Referente a isso, Schettino e Lemos, (2014, p. 320), afirmam que a mulher era uma figura importante na sociedade, "sendo o papel da dona-de-casa encarado como essencial para a preservação da família e da sociedade". Desta forma, o espaço privado passou a ser definido como lugar essencialmente feminino.

Embora o lar fosse considerado um espaço exclusivamente feminino, a definição dos cômodos no interior das casas pertencentes à elite ainda no século XIX, era subdividida em alas restritas para homens e mulheres. Quando na casa existiam um espaço privado às mulheres, não era comum que fosse local de passagem dos homens e vice-versa. Era habitual que os cômodos fossem afastados da entrada dos casarios, sendo muitas vezes próximos as salas de serviço, como a cozinha.

Segundo Schettino e Lemos (2014), na época era comum encontrar vários cômodos masculinos em uma residência, em contraponto com os espaços femininos que, quando apareciam eram pouco numerosos, sendo o setor de serviço, o ambiente exclusivamente feminino mais encontrado nas plantas analisadas, seguido pela sala de costura.

Figura 27 - Fluxograma da Casa Ponce Paz



Fonte: Elaborada pela autora.

Tomando como exemplo a análise da casa Ponce Paz, observa-se na Figura 27, - organograma baseado nesta casa - e fazendo analogia com a história da arquitetura residencial da época de sua construção, que a predominância de uso dos cômodos das casas no período do final do século XIX e início do XX, se dava de forma a valorizar a atuação da figura feminina em contraponto a figura masculina. Considerando que, neste período, a sociedade era patriarcal e a figura feminina transitava entre os diversos setores agindo com autoridade para manutenção e andamento das funções da casa e necessidades de seus moradores, o que revela as tradições comportamentais da sociedade da época.

Conclui-se então que, de um total de vinte e um ambientes, existentes na casa, a presença feminina consiste em noventa por cento de predominância na utilização destes espaços, sejam eles sociais, íntimos ou de serviço, como exemplificado através da Tabela 2, abaixo.

Tabela 2 - Utilização predominante Casa Ponce Paz

Gênero	Utilização Predominante (%)
Feminino	90,48%
Masculino	80,95%

Fonte: Elaborada pela autora.

4.4.3 MODERNISMO: CASA A21

Através da análise da forma com que os impulsos tecnológicos refletiram na qualidade de vida dos moradores, é possível compreender que, quase que inadvertidamente, a transição dos costumes de toda uma sociedade com os avanços tecnológicos que formaram um retrato da sociedade industrial que se criava na época.

Essas questões se transformaram com o tempo e com a chegada das correntes modernistas no Estado e no interior paulista as casas começaram a obter outra configuração interna. Em Bauru, foi a partir da década de 1950 que começaram a surgir alterações significativas nos padrões sociais e modos de morar.

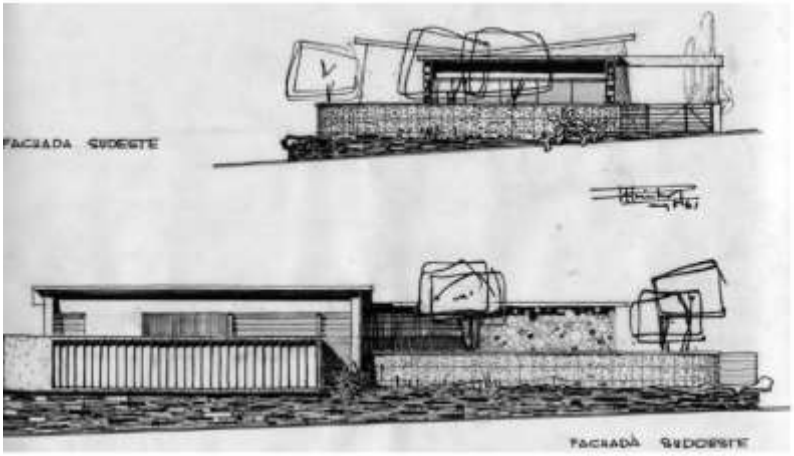
Para o entendimento deste processo de execução da arquitetura moderna na cidade, será tomado como objeto de estudo os projetos residenciais do arquiteto Fernando Pinho, precursor desse estilo no município, trazendo o modernismo primeiramente para a zona sul de Bauru, no bairro conhecido como Jardim Estoril I.

Para isso, a obra selecionada para análise será a residência A21, projetada no final da década de 1950 pelo arquiteto Fernando Pinho que, através dos estudos em croquis revelaram métodos projetuais que representavam uma disposição racional dos cômodos e volumetria diversificada tanto em proporção quanto em materialidade.

Este projeto evidencia a ausência de elementos de ornamentação e de fins decorativos, e assim, a construção passa a obter elementos mais puros, linhas retas e platibandas.

A resolução da planta buscou levar em consideração principalmente os acessos da rua ao interior do lote, criando uma transição entre o público e o privado, privilegiando a composição formal. Neste processo, as soluções são adquiridas através de platibandas, tirando a visibilidade do telhado, geralmente feito com cobertura de telhas de fibrocimento, aberturas e volumes em diferentes planos e com materiais distintos, como representado na Figura 28 e 29, a seguir.

Figura 28 - Croqui da casa A21



Fonte: PUPIM, Rafael (2006)

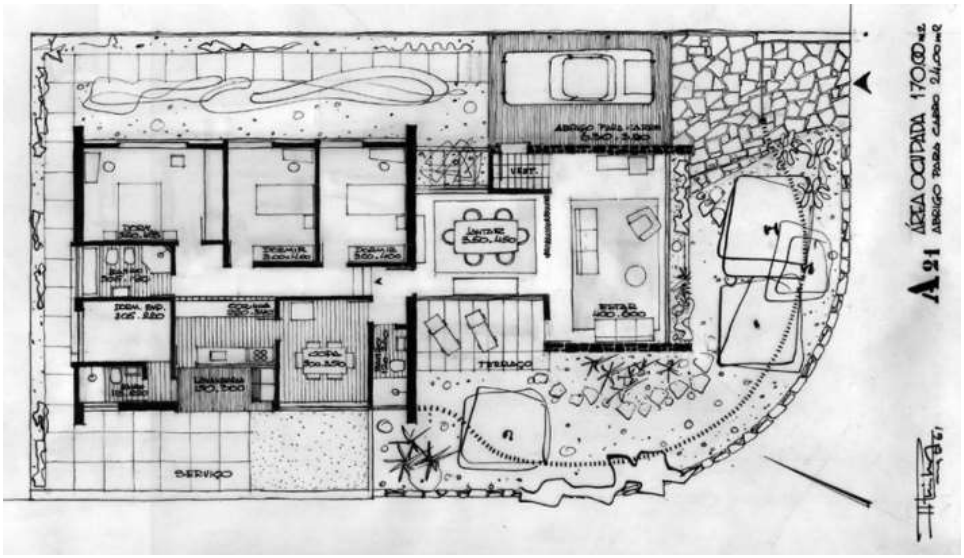
Figura 29 - Fachada da casa A21

Fonte: PUPIM, Rafael (2006).

No conjunto de residências para o bairro Jardim Estoril I, o arquiteto Fernando Pinho projetou habitações em diversos tamanhos e padrões, permitindo analisar como o projeto da habitação moderna se comportava frente a condicionantes econômicas e sociais da época.

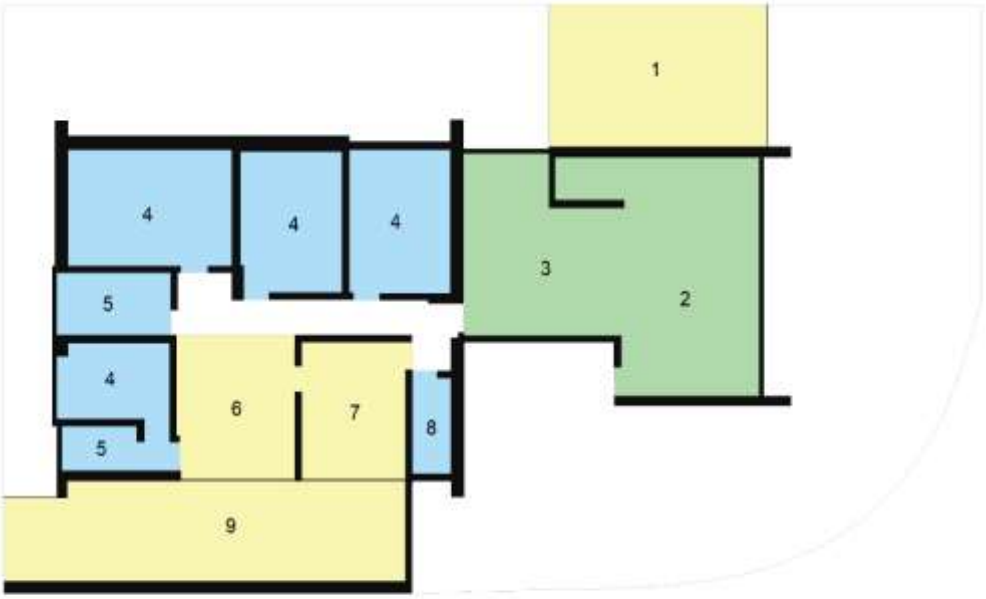
Em relação ao programa funcional não ocorreram mudanças extremas em comparação às casas neocoloniais.

Figura 30 – Croqui em planta da casa A21



Fonte: PUPIM, Rafael (2006).

Figura 31 - Planta da casa A21



LEGENDA
1- garagem 2- sala de estar 3- sala de jantar 4- quarto
5- banheiro 6- cozinha 7- copa 8-lavabo 9- área de serviço

Fonte: Elaborada pela autora.

Através da Figura 30 e 31 acima, é possível notar a ocupação quase total do lote e a divisão da habitação tradicional, trazida com influências europeias e consolidada no século XIX, o que torna clara a distinção dos setores da casa, que agora mais intensificados passam a ser separados em espaços sociais, espaços de serviço, espaços íntimos e de circulação.

Neste tipo de residência, o conjunto de ambientes era mais elaborado, pois a maioria dos cômodos ainda eram monofuncionais e bem definidos no espaço interno da casa.

Analisando os espaços sociais, como a sala de estar, jantar e copa, nota-se que estes eram espaços amplos, com a presença de vários mobiliários construindo o ambiente. Possivelmente, devido ao fato de serem ambientes de maior sociabilidade dentro do interior residencial e onde o uso perpassava os vários períodos do dia.

Segundo Lemos (1999), os espaços sociais, principalmente a copa, era considerada uma herança da casa tradicional paulista, ocupando o lugar da varanda, que anteriormente "era um lugar de estar, de reunião, de comer, [...] de trabalho comunitário, mas também área de distribuição de circulações", (LEMOS, 1999, p.24-28).

No programa de necessidades da casa moderna, a copa possuía papel central, pois nela surgiu a sobreposição de funções, base para a sociabilidade familiar e dos amigos. Nela ocorria não somente o café da manhã, o almoço e jantar, mas também atividades domésticas, assim como o espaço da sala de jantar, que possuía a mesma função que a copa, se distinguindo apenas pela disposição junto aos espaços sociais. Dessa forma, dentre esses setores, a sala era o maior espaço da habitação e representava o espaço de sociabilidade da casa.

Ainda de acordo com a análise da planta, é possível notar a presença de um corredor de circulação dando mais privacidade aos setores íntimos da casa, geralmente dando acesso aos quartos e banheiros. Nessa época e nessa habitação analisada. ainda não havia o conceito prático da integração dos ambientes, como seguido no estilo modernista. A cozinha ainda ficava contígua ao espaço de convívio, representando o núcleo da unidade habitacional, já que agora não ficava mais situada aos fundos e a circulação resolvia-se de modo a ocupar pouco espaço e, normalmente, fazendo uso dos próprios cômodos para interligá-los.

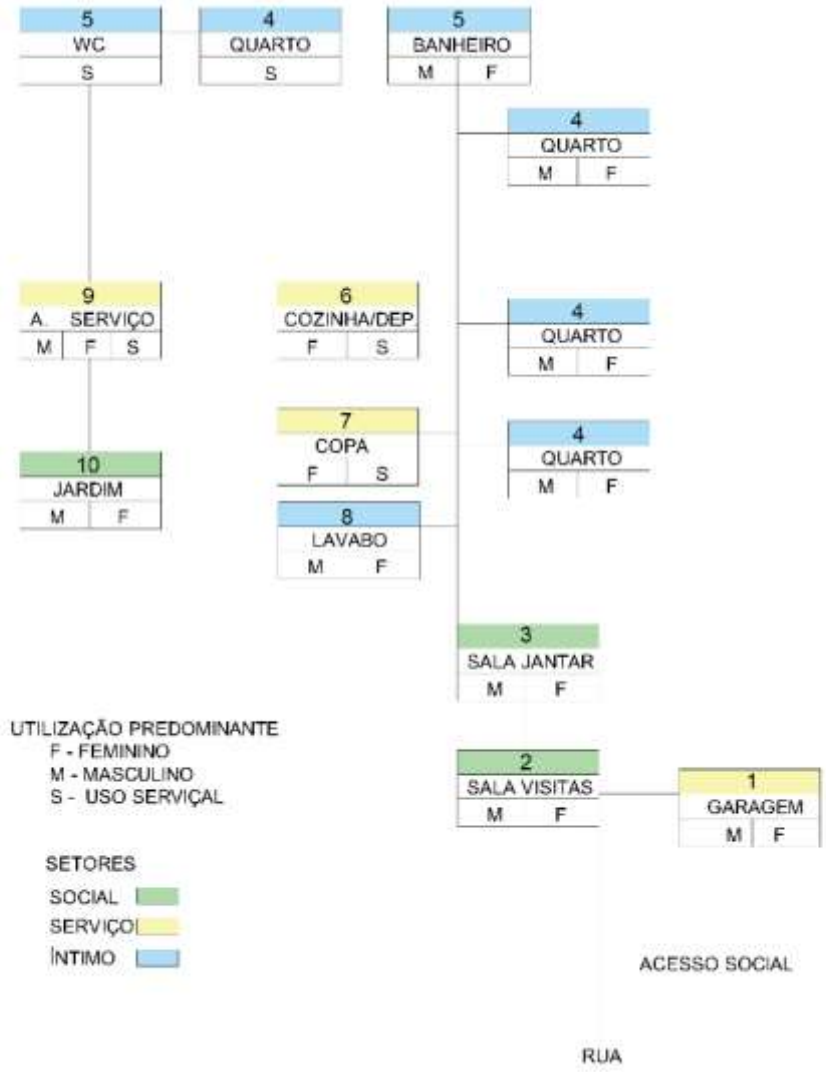
Dessa forma, o tamanho dos cômodos e as suas respectivas funções, revelava parte do cenário moderno brasileiro da época, em que a formação do indivíduo moderno se dava dentro do espaço da família na casa, sendo, portanto, os espaços de convívio, de importância fundamental.

Com base nas análises realizadas, o palacete colonial deu então lugar à casa modernista, onde a antiga subdivisão do programa de necessidades passou a ter uma articulação mais fluída, permitindo a integração entre os setores sociais e privados da casa, o que gerou uma diminuição gradual desses programas. Porém, segundo Lemos (1989), apesar de apresentar várias novidades em relação à técnicas construtivas e distribuição de espaços, a

casa modernista ainda incorporava um funcionamento muito parecido ao dos palacetes, o que reflete o modo de morar das elites até os dias atuais.

Neste sentido, a mudança mais radical das residências desse período foi na intenção plástica, além do fato de que todo esse progresso levou a eliminação de certas dependências da casa, reduzindo a lista de componentes do programa de necessidades.

Figura 32 - Fluxograma da casa A21



Fonte: Elaborada pela autora.

A partir da análise do fluxograma da Figura 32, acima, e do estudo dos interiores das residências da cidade de Bauru, é possível afirmar que a maneira como se separam os cômodos e se dividem as circulações em uma casa em determinado momento histórico pode dizer muito a respeito dos costumes de uma sociedade, das suas normas de conduta moral e principalmente, do papel da mulher na sociedade.

Embora o programa de necessidades da casa modernista não trouxesse tantas alterações relevantes em relação a casa eclética, a utilização predominante dos espaços também não mudou muito. A mulher ainda prevalece como usuária na maioria dos ambientes, totalizando cem por cento, enquanto a presença masculina consiste em setenta e um por cento de utilização dentro do espaço residencial, conforme demonstrado na Tabela 3, abaixo, apresentando o índice mais alto, em comparação às casas analisadas anteriormente.

Tabela 3 - Utilização predominante Casa A21

Gênero	Utilização Predominante (%)
Feminino	100%
Masculino	71%

Fonte: Elaborada pela autora.

4.4.4 MODERNISMO: CASA MARIA MARTHA E FERNANDO PINHO

No Brasil, desde a década de 20, com a difusão do neocolonialismo, era bem nítida a necessidade de se ter uma identidade da arquitetura. Com o amadurecimento da arquitetura modernista entre anos 1930 e 1960, começou a se desenvolver a criação de uma identidade nacional para as edificações, o que provavelmente se deve ao cenário social e político do país na época.

Além da estética, a modernidade na arquitetura esteve atrelada também ao desenvolvimento industrial que, segundo Harvey (2008), desde o início do século XX já era constituída por bases positivistas, tendo o contexto histórico do período retratado pelo avanço tecnológico nas diversas áreas de conhecimento.

Uma das obras da arquitetura modernista que pode exemplificar a citação acima, no contexto da pesquisa, é a residência do arquiteto Fernando Pinho (Figura 33), como da casa anterior, já que este arquiteto teve grande importância na construção da paisagem urbana da cidade de Bauru.

Esta casa data do final da década de 1970 e está localizada na rua Dr. Antônio Prudente, do Jardim Estoril, constituindo uma das residências mais icônicas do conjunto moderno de residências bauruenses.

A concepção desse projeto pode ser notada pela sua composição expressiva de elementos arquitetônicos, que acompanha a tendência arquitetônica do período, com uso de linhas retas e concreto aparente, características predominantes desse estilo. Contornada por uma alameda de pérgolas e por um pano de elementos vazados até o portão, o acesso da casa

se dá por uma parede ortogonal, que se projeta no alinhamento do pergolado, como mostra a Figura 33, abaixo.

Figura 33 - Casa Maria Martha e Fernando Pinho

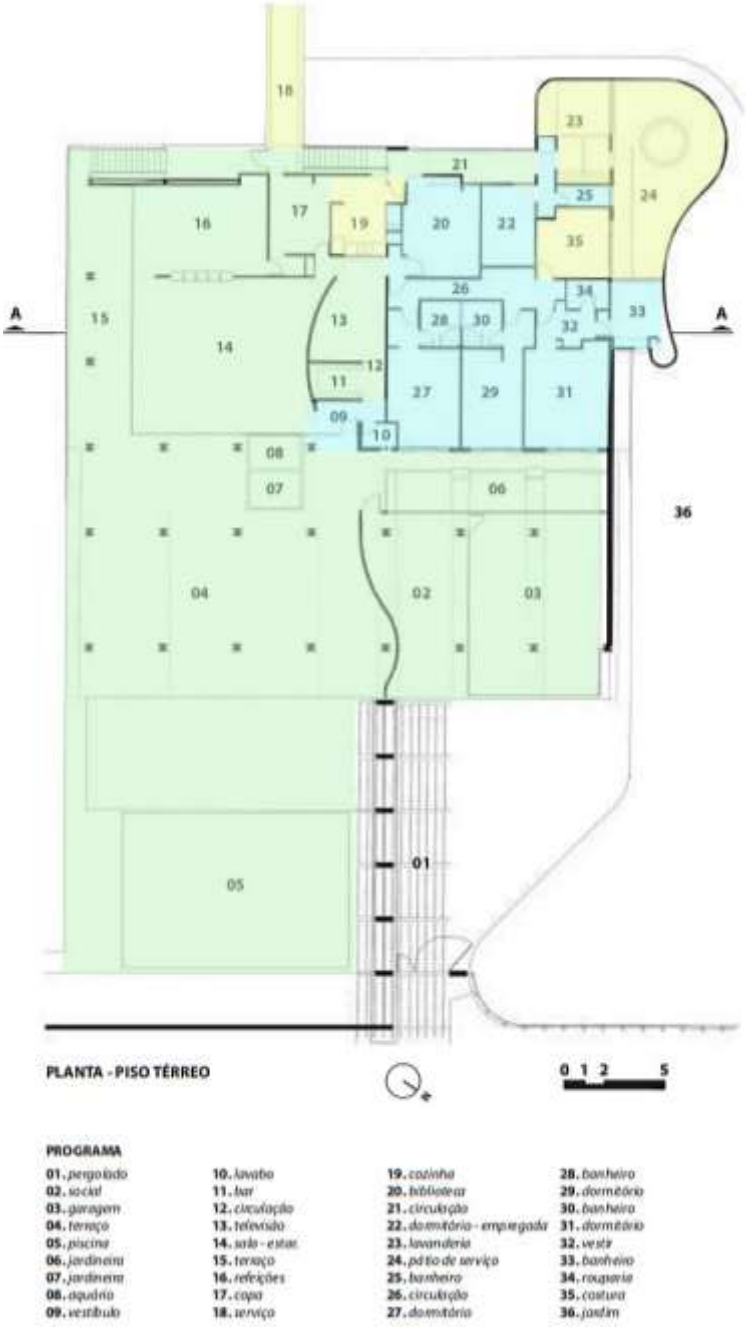
Fonte: VIDRIH, Gustavo (2016)

Em relação ao programa de necessidades, ocorreram algumas alterações, porém nenhuma mudança muito drástica em comparação ao programa das casas neocoloniais. Uma diferença perceptível em todo esse processo é a circulação mais fluida no interior da casa através da integração dos espaços. Esse fato pode ser explicado, principalmente, pelo melhor planejamento e organização funcional dos ambientes.

Além disso, os estilos de casas modernistas se particularizaram no partido arquitetônico e técnicas construtivas, como por exemplo, o uso de estruturas de concreto armado, platibandas, a presença de linhas retas e consequente ausência de ornamentação. Segundo Reis Filho (2011), havia maior liberdade no desenho e implantação, com isso, se garantia melhorias no aspecto plástico do edifício, promovendo diferentes possibilidades de disposição e organização dos ambientes.

Observando a Figura 34, é possível notar que a residência está implantada em um terreno de grandes dimensões, com três fachadas viradas para a rua e com a fachada principal em uma das ruas laterais. Envolvida pela vegetação do entorno, o acesso principal se dá por um conjunto de pérgolas e um plano ortogonal que se projeta sob o seu alinhamento.

Figura 34 - Planta da casa Maria Martha e Fernando Pinho



Fonte: Intervenção da autora sobre planta original de VIDRIH, Gustavo (2016)

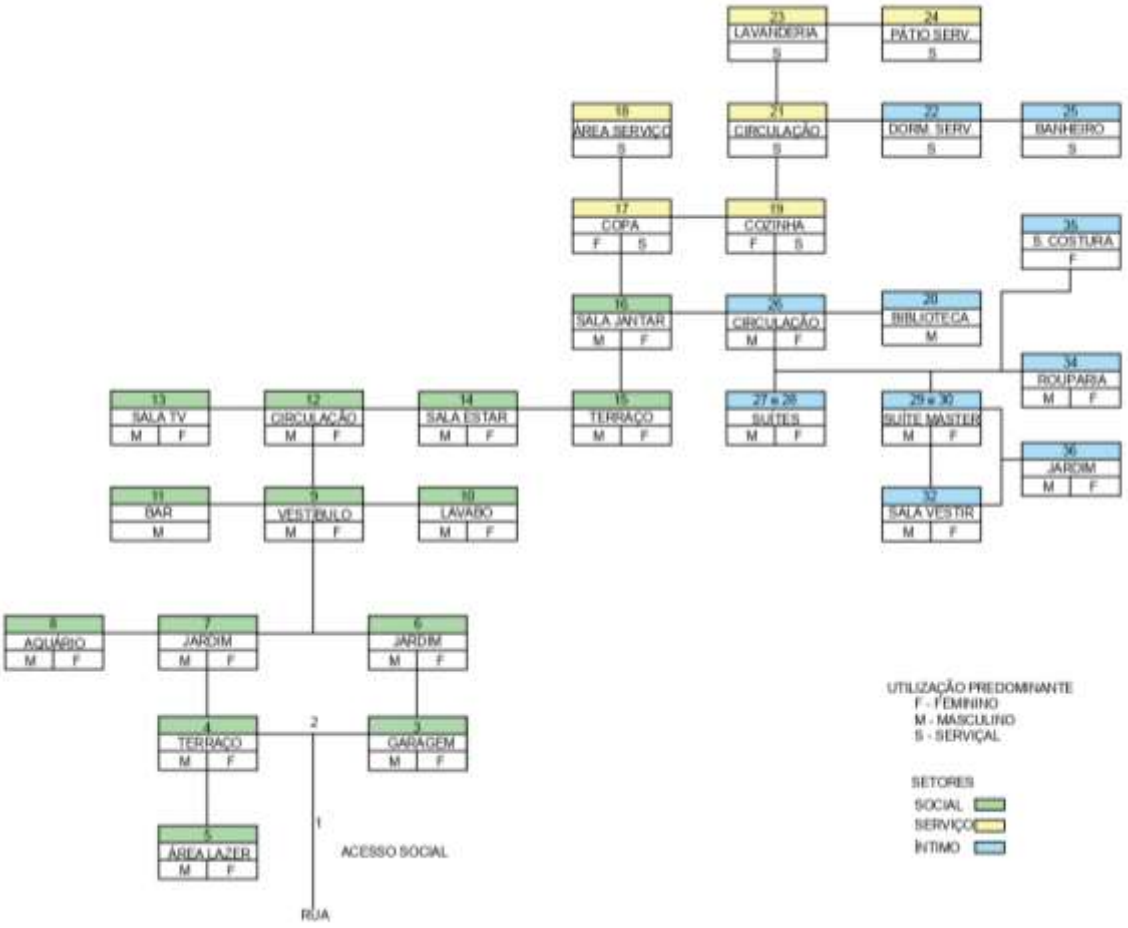
Conforme representado na Figura 34, acima, o restante do programa se concentra no lado oeste da casa. As três suítes ficam dispostas junto à divisa da garagem, com uma circulação que gera uma espécie de entrada privativa. Nos banheiros que se encontram comprimidos, sem janelas, o arquiteto resolveu a iluminação criando um domus. Já na área de

serviço, a conformação dos seus espaços supera a projeção da cobertura por meio de um expressivo e sinuoso muro de pedra, onde está o banheiro e o pátio de serviços.

As casas modernistas foram construídas com base em uma arquitetura internacional e estavam, portanto, voltadas às inovações tecnológicas.

Em relação ao programa de necessidades, a liberdade formal que a arquitetura modernista permitia ao edifício refletiu também na organização interna da casa, com a "planta livre", criando ambientes integrados e mais fluídos, trazendo um maior controle humano sobre o espaço da casa. Essa fluidez permitia a passagem entre os cômodos sem a necessidade de um espaço de transição entre eles.

Figura 35 - Fluxograma da casa Maria Martha e Fernando Pinho



Fonte: Elaborada pela autora.

Assim como o programa não trouxe alterações muito radicais, a utilização predominante dos espaços também não mudou muito.

A casa ainda apresenta ambientes de uso masculino, mas a mulher ainda prevalece na maioria deles, totalizando noventa e três por cento, enquanto a presença masculina consiste

em setenta por cento de utilização dentro do espaço residencial, conforme demonstra a Tabela 4:

Tabela 4 - Utilização predominante Casa Maria Martha e Fernando Pinho

Gênero	Utilização Predominante (%)
Feminino	93%
Masculino	70%

Fonte: Elaborada pela autora.

4.4.5 CONTEMPORANEIDADE: CASA DAS PÉRGOLAS DESLIZANTES

A casa das Pérgolas Deslizantes é uma residência unifamiliar projetada em 2012 e executada em 2014 pelo escritório FGMF. Está situada em um condomínio privado na cidade de Bauru. O conceito principal da edificação é a sustentabilidade e a integração espacial, característica predominante na arquitetura contemporânea.

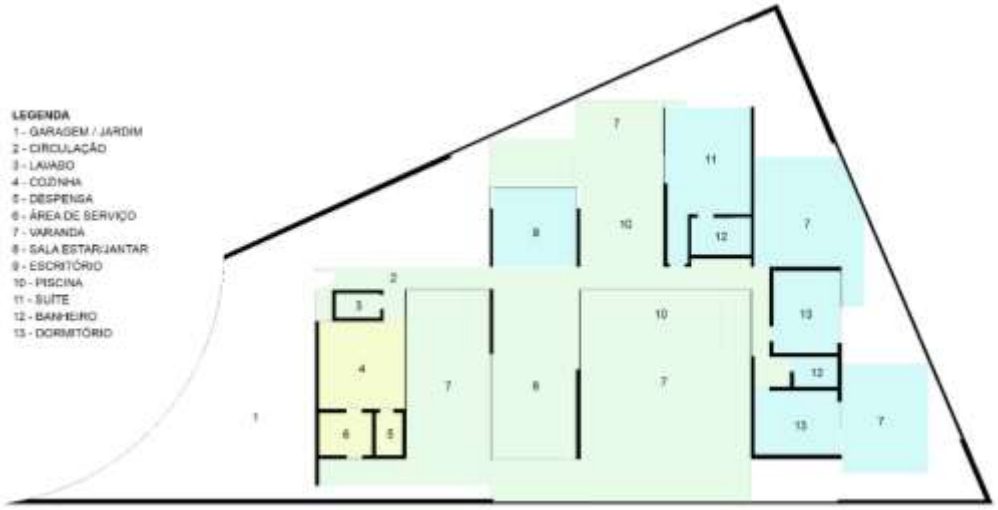
Segundo Cabral e Lucena (2015), a ideia inicial da casa era seguir as premissas de flexibilidade, fluidez e mutabilidade, as quais foram alcançadas através de uma estrutura móvel que se adequava aos turnos do dia e as diferenças climáticas. Assim, essas três premissas foram alcançadas através da instalação de várias pérgolas móveis, que possibilitam uma adequação dos espaços externos às diferentes necessidades climáticas, como também por meio da criação de uma casa fechada para o entorno com módulos isolados, os quais ora se voltam e se integram aos ambientes externos do lote e ora se fecham no próprio espaço interno de cada ambiente.

Figura 36 - Fachada da casa das Pérgolas Deslizantes

Fonte: ArchDaily (2020)

Observa-se, através da Figura 36, que a forma dos módulos construídos independe do formato do terreno e que a circulação se conecta a cada um desses módulos.

Figura 37 – Planta da casa das Pérgolas Deslizantes



Fonte: Elaborada pela autora.

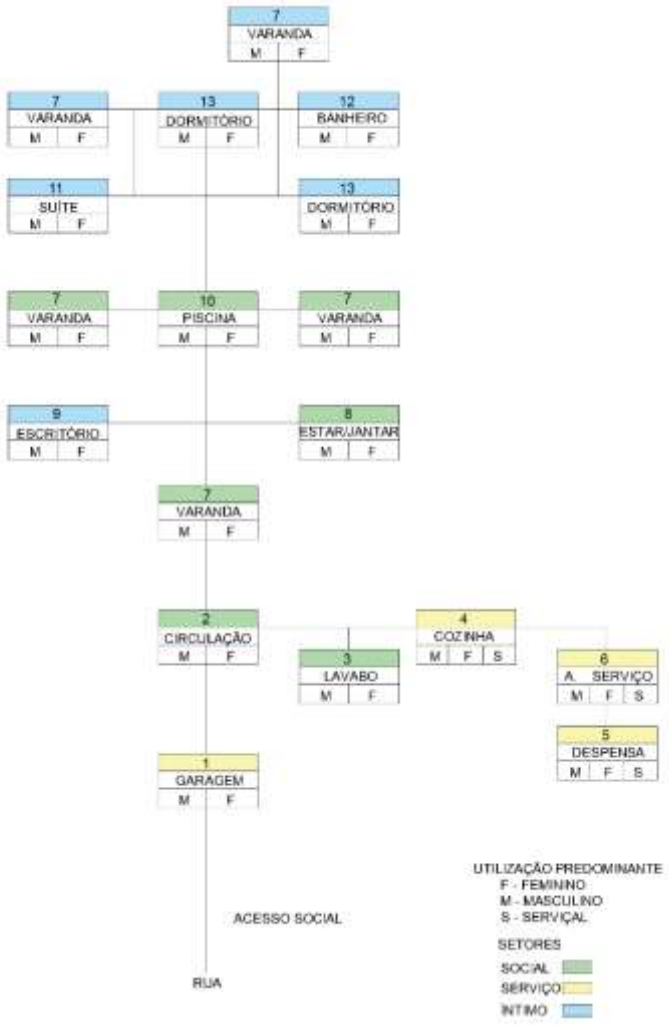
Através da observação da Figura 37, acima, nota-se que o programa de necessidades da edificação se inicia a partir da garagem, onde é possível passar para o módulo que abriga espaços com visão estática, como é o caso da área de serviços, despensa, corredor de serviços e cozinha, bem como o corredor principal, que dá acesso ao módulo social da casa, onde está localizado o escritório, na região acima da circulação, e as salas de estar e jantar, abaixo. Este ambiente central possui aberturas verticais em vidro nas suas fachadas, sendo algumas fixas e outras móveis, o que possibilita uma intensa interação visual e física com o espaço externo e os módulos adjacentes.

Na área íntima da casa, o espaço interno é ampliado acima da área de circulação, concentrando uma suíte que possui duas laterais fechadas com esquadrias de vidro e madeira possibilitando assim, dois tipos de configuração, que proporciona um jogo de visibilidade do que é público e do que é privado. Ainda nessa área, o corredor principal dá acesso aos três últimos ambientes internos da edificação, dois quartos e um banheiro, dessa forma, apesar de continuar sendo um espaço multidirecional e integrado, sua visão na direção dos quartos e banheiro é bastante limitada, podendo apenas ter acesso visual aos espaços externos adjacentes. Já os quartos e banheiros permanecem como um espaço fechado por quatro planos verticais e aberto apenas por uma porta de acesso e uma pequena janela alta, e os quartos

fechados por planos verticais em forma de “U” e uma grande esquadria de vidro em uma das fachadas, trazendo à tona a questão de privacidade ao ambiente.

De modo geral, a questão de privacidade aplicada na casa deixa explícito que os espaços sociais são totalmente abertos e integrados ao passo que os espaços íntimos adquirem privacidade flexível podendo estar ora integrado com o exterior e ora isolado, e os de serviços se mantém isolados, exceto a cozinha, que permeia entre uma setorização social ou de serviços, que se fecha na sua lateral voltada para a rua e se abre na lateral voltada para o interior da casa. E assim, pode-se dizer que a espacialidade da casa Pérgolas Deslizantes intercala entre espaços fechados ou abertos e estáticos ou dinâmicos, de acordo com as necessidades e funções de cada ambiente.

Figura 38 - Fluxograma da casa das Pérgolas Deslizantes



Fonte: Elaborada pela autora.

Dessa forma, analisando a Figura 38, acima, e com a evolução da tipologia habitacional ao longo dos anos, nota-se o desaparecimento de cômodos como o quarto de empregada, junto a uma diminuição significativa da metragem das unidades, a junção de diversas funções em pequenas áreas, a maior valorização de áreas sociais e a flexibilização.

Assim, é possível observar que, com o passar do tempo, cada vez mais é perceptível o uso de dimensionamentos mínimos e a permanência de determinados ambientes na casa, como as áreas de serviço por exemplo, que em sua maioria ficavam se unificaram com a cozinha, trazendo mais praticidade aos usuários da casa, com a ideia de linha de montagem, a fim de otimizar o tempo. Além da integração da cozinha com o restante da casa, quando não era totalmente integrada, o fechamento era realizado com portas de vidro para que o ambiente ficasse separado parcialmente, mas não isolado, permitindo que a mulher ou mãe pudesse estar atenta as outras atividades que estavam sendo realizadas, como por exemplo, vigiar as crianças enquanto prepara os alimentos.

Desse modo, pode-se concluir que, dentro de dezoito ambientes, a permanência da mulher está em todos, assim como a presença masculina nestes espaços, sejam eles sociais, íntimos ou de serviço, como exemplificado através da Tabela 6.

Tabela 5 - Utilização predominante da Casa das Pérgolas Deslizantes

Gênero	Utilização Predominante (%)
Feminino	100%
Masculino	100%

Fonte: Elaborada pela autora.

4.4.6 CONTEMPORANEIDADE: CASA A6

A tendência arquitetônica contemporânea se baseia nas contribuições da ciência, da indústria e da técnica, e pode ser considerada uma das mais representativas da arquitetura atual.

Segundo Carvalho e Valente (2015), é uma linha de pensamento que tem uma relação muito próxima com o movimento moderno, compartilhando alguns dos princípios básicos das vanguardas do início do século, especialmente o papel central outorgado a tecnologia como fonte de inspiração. É uma arquitetura baseada na confiança da capacidade de síntese da tecnologia, buscando resolver o máximo de questões com o mínimo de formas.

Ao longo da história, observa-se que, boa parte da arquitetura se desenvolveu a partir das possibilidades formais da utilização de novos materiais e tecnologias. De acordo com

Carvalho e Valente (2015), na década de 1960, destacavam-se as utopias tecnológicas dos projetos, já nos anos 80, observava-se o retorno dessa confiança na racionalidade e na capacidade de síntese que o mundo da tecnologia pretende possuir intrinsecamente.

É possível observar grande influência da arquitetura contemporânea e tecnológica em Bauru, particularmente em residências, edifícios de escritório, obras comerciais e institucionais. Algumas das residências selecionadas para este trabalho evidenciam a influência desta linha de pensamento. Neste caso específico, da casa A6, construída em 2020, os arquitetos do escritório Gruta, colocam a escolha da tecnologia construtiva como ponto de partida para a concepção do projeto.

A edificação representa o estilo predominante das edificações residenciais dos condomínios de alto padrão da cidade de Bauru, as quais geralmente possuem um mesmo estilo construtivo e arquitetônico, deixando a fachada sempre em evidência através de elementos modernos, linhas retas, geometricidade, pé direito alto, cores claras e uniformes, pontos utilizados também na arquitetura minimalista.

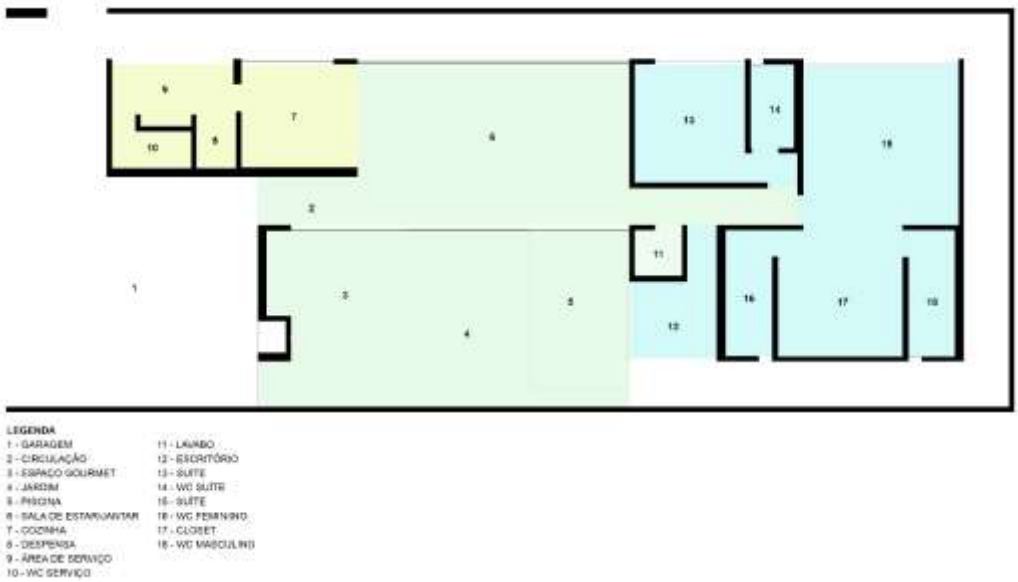
Segundo Lemos (1989), a arquitetura contemporânea agrupa construções vinculadas a modismos internacionais, desenvolvidos com os métodos correspondentes à tecnologia construtiva da época.

Figura 39 - Fachada da casa A6

Fonte: ArchDaily (2020)

Em resposta tanto aos exageros simbólicos e decorativos da arquitetura eclética e pós-moderna, de acordo com Carvalho e Valente (2015), o minimalismo propõe uma linha de pensamento voltada para a recuperação da poética da simplicidade. Diante da superabundância e da dúvida, opta-se pelo mínimo, pela concepção de espaços diretos e puros, pela utilização de formas simples, pela busca de um sentido comum presente no uso rigoroso e asséptico dos materiais.

Figura 40 - Planta da casa A6



Fonte: Intervenção da autora sobre planta original do site ArchDaily, (2020).

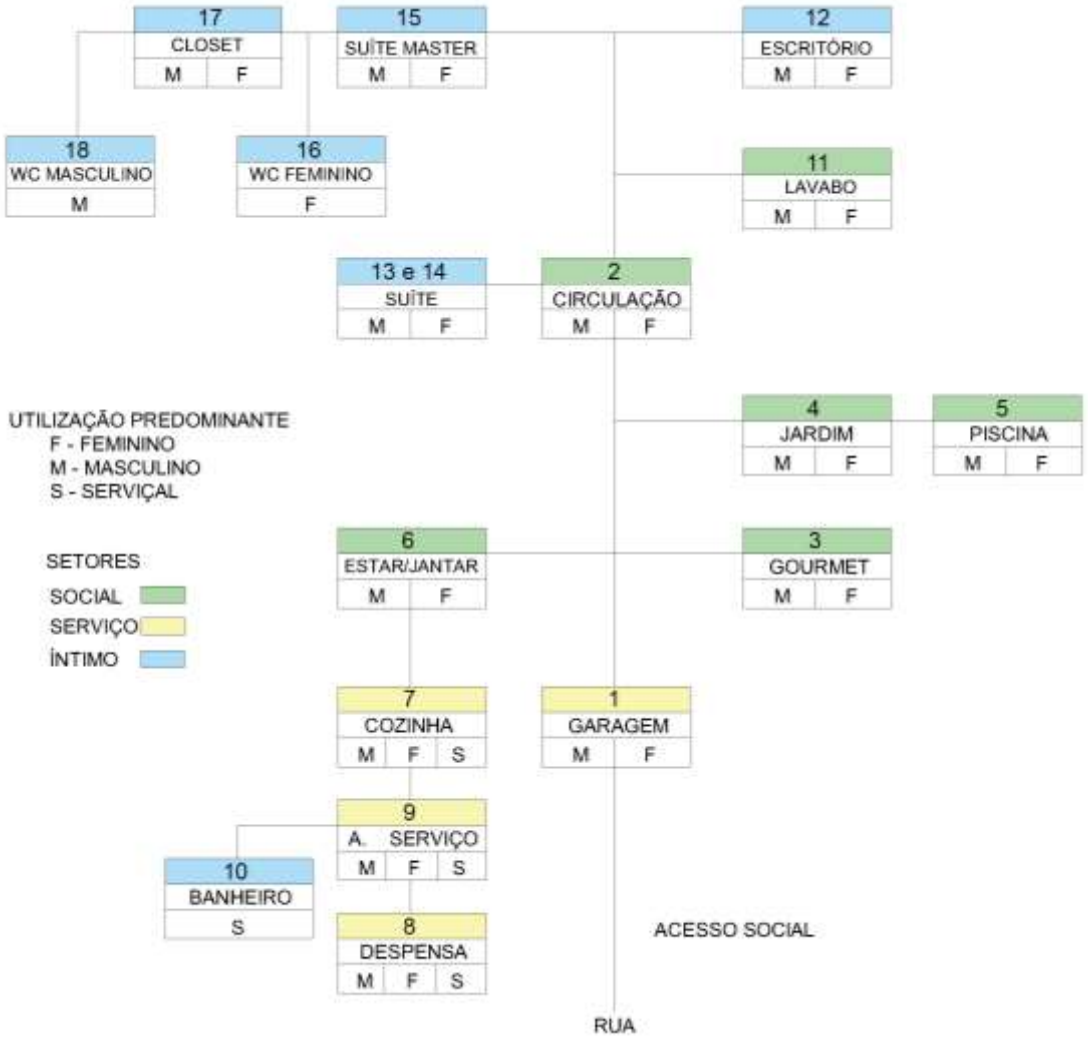
De acordo com a Figura 40, acima, é possível notar que o projeto organiza espaço social, privativo e serviço sob um pano único de cobertura. A configuração dispersa dos elementos estruturais cria a possibilidade para iluminação zenital e ventilação cruzada e com a presença do átrio central, ocorre o bloqueio da incidência solar direta aos ambientes de estar, permitindo a insolação na piscina e jardim.

Nesse projeto, há a preocupação em construir um desarranjo entre os limites da edificação e lote, reconfigurando as áreas permeáveis e levando a paisagem para o roteiro definitivo da residência. Dessa forma, a diagramação dos compartimentos da casa está entreposta pela área de estar, que, conectados por acessos central e lateral, permitem um percurso desobstruído por todas as zonas da casa.

A partir do organograma representado pela Figura 41, abaixo, é possível observar a maior integração entre os ambientes sociais, porém a setorização tradicional ainda permanece. Um ponto interessante observado no projeto desta residência é que, a suíte principal possui

uma diferenciação nos banheiros, possuindo uma subdivisão entre ambiente masculino e feminino.

Figura 41 - Fluxograma da casa A6



Fonte: Elaborada pela autora.

A criação da divisão entre banheiros masculino e feminino é um reflexo da forma como foi construído o binarismo de gênero. Embora a ideia de banheiro exista há milhares de anos, os banheiros privados, segregados por sexo, segundo Carvalho (2015), foram uma invenção moderna da Europa Ocidental, relacionada à urbanização e à reforma sanitária no século XIX, a privatização das funções do corpo e a ideologia de separação das esferas de cada gênero, como o closet, que anteriormente era um ambiente essencialmente feminino. Essa modificação nos espaços residenciais gerou outra configuração com o desaparecimento do quarto de vestir, por exemplo. Vê-se então, mais uma vez, a mulher influenciando na atribuição de novas características para o ambiente residencial.

Apesar das mudanças no programa funcional da casa serem nítidas, a permanência da figura feminina nos ambientes da casa ainda é latente. No projeto dessa residência contemporânea, a mulher ocupa um percentual de quase noventa e cinco, em relação a presença masculina, como representado abaixo, na Tabela 5.

Tabela 6 - Utilização predominante da Casa A6

Gênero	Utilização Predominante (%)
Feminino	94%
Masculino	82%

Fonte: Elaborada pela autora.

Sendo assim, tendo em vista o organograma representado pela Figura 41, pode-se concluir que a casa ao longo do tempo, teve uma significativa mudança tanto em dimensionamento, quantidade de cômodos e distribuição e organização dos ambientes.

No intuito de contemplar os resultados desta pesquisa, verifica-se que esta possibilitou considerar que a casa Armando Azevedo, eclética, construída em 1927, possui cinco cômodos voltados às áreas de socialização dos moradores ou visitantes e somente dois deles são voltados a áreas abertas ou semiabertas, além de duas áreas de jardim e terraço. Já a casa Maria Martha e Fernando Pinho, construída em 1973, ou seja, sob a influência do padrão modernista de estilo arquitetônico, contemplava treze cômodos voltados às áreas de socialização dos usuários, dos quais oito deles estão voltados a áreas abertas ou semiabertas e ao jardim - juntamente com varandas, piscinas e terraços - são dedicados oito áreas.

Em adição a isso, a casa A6, construída em 2020, que segue o padrão contemporâneo de arquitetura residencial, contempla cinco áreas voltadas à socialização, e dentre todos esses cômodos que compõem o programa de necessidades, estão voltados a áreas abertas ou semiabertas e três delas são dedicadas a piscina, jardim e área gourmet. A partir disso, nota-se que foi crescente o número de espaços voltados a socialização em áreas abertas ou semiabertas, assim como áreas que primam por um maior contato com elementos como água – através das piscinas - áreas de jardim, pergolados, ou seja, sem cobertura construída.

Ainda sobre os resultados, observou-se que, através das tabelas foi evidenciado que a casa A21, de estilo modernista, apesar de ter sido construída em 1957, apresentou o índice mais baixo referente à predominância da presença masculina nos ambientes residenciais, equivalendo a 70%, enquanto que a casa das pérgolas deslizantes, construída em 2014, apresentou o índice mais alto, de 100%, isso significa que em um espaço de tempo relativamente pequeno – 57 anos – houve uma diferença de 30% nos percentuais da

predominância masculina no espaço interno da casa. Este fator é um indício da rapidez com que a sociedade vem se transformando e dando mais espaço à mulher no mercado de trabalho e trazendo mudanças na estrutura familiar.

É importante ressaltar com a pesquisa, que ao longo do tempo, houve uma diluição desta área de domínio da mulher quando se analisa a casa das pérgolas deslizantes, onde observou-se que não há mais espaços exclusivamente femininos ou masculinos dentro da casa. Por essas razões, provavelmente, é possível afirmar que, atualmente, há a crescente presença do homem contemporâneo, atuando e cuidando da limpeza, organização e manutenção da casa, além do provimento do sustento familiar, assim como a mulher o faz. E isso prova que, a estrutura da família sofreu alterações em seu cotidiano, onde a mulher deixou o papel de cuidadora e passou a trabalhar fora de casa junto ao homem, passando, portanto, a dividir as tarefas domésticas e responsabilidades da educação dos filhos. Conclui-se assim, que a casa é reflexo de um novo tempo e de uma nova maneira de morar.

Outro ponto que merece destaque é que, sempre pautado pela escravidão, o Brasil, mesmo após a abolição da escravatura, apresentou - e ainda apresenta - na arquitetura residencial, resquícios na moradia das elites, por meio da tripartição entre o setor social, privado e de serviço. Diante disso, ainda se observa na casa das pérgolas deslizantes, que o setor de serviços ainda não foi incorporado à área de cozinha como é comum em casas no exterior. Isso aponta para a necessidade de uma outra pesquisa coadjuvante para aprofundar a investigação sobre o interior da arquitetura residencial em outros contextos.

Através da análise das fachadas dos imóveis históricos – incluindo uma edificação tombada – foi possível criar um arcabouço iconográfico através do qual verificou-se que, externamente, a arquitetura residencial em Bauru passou de mera importação da estética internacional, enquanto internamente – através da análise das plantas - contemplava uma sequência de padrões que incorporavam a diferenciação de classes - a provisão de áreas de serviço - e os modos de vida da sociedade bauruense, que deixava clara a posição da mulher na sociedade da época, naquele momento.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ponderando sobre o desenvolvimento desta pesquisa, observou-se que as relações estabelecidas no espaço não se mantêm estáticas ao longo do tempo, mas se moldam conforme a sociedade evolui e se transforma. E, uma vez que a sociedade está em constante mudança, acredita-se que a arquitetura residencial ainda sofrerá muitas alterações.

Algumas das mudanças observadas, foi o surgimento de novos modelos de família, assim como a grande oferta de apartamentos individuais - que primam por ser locais de maior facilidade e praticidade, ao invés de simplesmente uma redução da casa burguesa – assim como compartilhamento de moradia entre pessoas sem vínculo - os chamados "coliving" - entre outras diversas opções de moradia disponíveis no mercado imobiliário atual. Outro fator a se observar é a verticalização e adensamento cada vez mais intensos nas grandes cidades, o que atesta que as alterações do espaço de morar estão longe de se findarem.

Outro ponto importante que a sociedade traz para a arquitetura residencial é, por exemplo, o fato de a tecnologia estar cada vez mais inserida na vida contemporânea. Com isso, novos usos e funcionalidades começaram a ser trazidos para dentro da habitação, como por exemplo o trabalho em forma de "home office", como nota-se na análise da casa das pérgolas deslizantes, que apresenta amplos cômodos nas áreas privativas (quartos), se comparada a casa A21, que permite outra utilização deste ambiente, em um escritório.

Mais recentemente, outro momento que pode ser destacado e que tem sido vivido pela sociedade de maneira geral, é a pandemia da doença COVID-19, a qual assolou a sociedade em um nível mundial e que também atesta para a necessidade de ambientes cada vez mais flexíveis e amplos, de forma a criar maior bem-estar para os moradores. Neste sentido, nota-se a veracidade de uma frase da arquiteta Lina Bo Bardi (1944), que refletiu sobre a importância desses fatores quando disse que, a finalidade da casa não é apenas representar elementos exclusivamente decorativos, mas sim proporcionar uma vida conveniente e confortável.

Posto isso, pode-se afirmar que a construção de uma casa vai muito além de uma linguagem meramente estética, mas leva em conta o modo de vida de uma sociedade, ou seja, a casa não se limita a um aglomerado de paredes, é mais que isso, é um sentimento de pertencimento e identidade. Tais fatos salientam que, ambientes que contemplam decisões abertas no layout e que permitem espaços variáveis e flexíveis são necessários para vir de encontro à necessidade de seus moradores e usuários.

A pesquisa revelou ainda que a hipótese firmada no início deste trabalho é procedente: a presença e as forças que lideraram as mudanças ocorridas no interior da arquitetura residencial reforçam o poder de atuação da presença feminina ao longo do tempo. Como explicitado nas análises tipológicas internas das habitações, pôde-se observar que não há referência a tantos cômodos voltados para o masculino como há para o feminino. Isso se deve ao fato de a mulher da elite do final do século XIX e início do século XX, estar presente em quase todos os ambientes domésticos.

Os cômodos contemplados no setor social, foram palco para exibição do poder masculino e pouco do feminino. Mas, a presença feminina, era predominante no quarto de vestir, também utilizado como sala para momentos de maior intimidade ou para receber pessoas mais próximas. Além deste ambiente, a copa e a cozinha ou área de serviço – destinadas a seu comando e orientação - permaneceram sob seu controle, assim como a junção da sala de costura próxima ao setor de serviço que marca esse domínio. Com isso, todas as atividades voltadas à manutenção da casa e ao bem-estar da família, permaneceram sendo de responsabilidade da dona da casa, que ganhou o direito a frequentar o espaço público, mantendo sob seu domínio, principalmente, no espaço privado.

Desta forma, a coleta de dados possibilitou o estudo dessas mudanças nos programas funcionais das residências de Bauru, desde os sobrados neocoloniais até as casas contemporâneas. Notou-se ainda, que as soluções construtivas não dependem apenas dos materiais disponíveis no mercado ou do sistema construtivo, mas que os fenômenos culturais e sociais também são determinantes.

Consequentemente, a pesquisa possibilitou traçar um paralelo das residências do passado com os projetos residenciais produzidos atualmente. Sendo assim, considera-se que este trabalho contribuiu com o estudo do desenvolvimento e processo de produção da arquitetura na cidade de Bauru, bem como, o reconhecimento e importância da preservação da memória arquitetônica local.

Por fim, pode-se afirmar que a pesquisa reforçou a hipótese levantada no início, de que a figura feminina foi e ainda é o pilar central das alterações na arquitetura residencial. Com isso, é possível concluir que a casa é uma construção contínua, as mudanças são progressivas no espaço e no tempo e as mulheres desempenharam um papel decisivo nessa história, pois são figuras centrais em diversos aspectos da sociedade, seja no ambiente residencial ou mercado de trabalho. E esse papel deve ser reconhecido à altura de sua atuação. Neste sentido, esta pesquisa cumpre seu papel ao colaborar com o fomento e ampliação desta discussão.

REFERÊNCIAS

AURÉLIO, Buarque de Holanda Ferreira. **Aurélio**, o minidicionário da língua portuguesa. 4. ed. Rio de Janeiro: Nova fronteira, 2002.

BACHELARD, Gaston. **A poética do espaço.** São Paulo: Martins Fontes, 2000.

BARDI, Lina Bo. **Lina por escrito**. Milão: Domus, 1944.

CABRAL, Tamires; LUCENA, Jéssica. **Casa das pérgolas deslizantes.** Projeto de pesquisa, Casa Contemporânea Brasileira: Porto Alegre, 2015.

CARLOS, Ana Fani. **Espaço-tempo na metrópole.** São Paulo: Contexto, 2001.

CASA A6 / Gruta Arquitetos. **ArchDaily**, 2020. Disponível em: <https://www.archdaily.com.br/br/951119/casa-a6-grutrquitetos> Acesso em: 18 jan. 2021.

CASA das Pérgolas Deslizantes / FGMF Arquitetos. **ArchDaily**, 2014. Disponível em: <https://www.archdaily.com.br/br/759465/casa-das-pergulas-deslizantes-fgmf-arquitetos> Acesso em: 26 ago. 2020.

DAMATTA, Roberto. **A casa e a rua:** espaço, cidadania, mulher e morte no Brasil**.** 5. ed. Rio de Janeiro: Rocco, 1997.

FREYRE, Gilberto. **A casa brasileira**. Rio de Janeiro: Grifo Edições, 1971.

GHIRARDELLO, Nilson. **Olhares sobre Bauru**. Bauru: Canal 6, 2008.

GHIRARDELLO, Nilson. **Aspectos do direcionamento de Bauru.** São Carlos: Universidade de São Paulo, 1992.

GHIRARDELLO, Nilson. **Arquitetura em Bauru** (1850-1950). Tupã: ANAP, 2021.

HARVEY, David. **Condições pós-moderna:** uma pesquisa sobre as origens da mudança cultural. 17. ed. São Paulo: Edições Loyola, 2008.

HEIDEGGER, M. **Construir, habitar, pensar.** Trad. Marcia Sá Cavalcante Schuback. Darmstadt: Vortäge und Aufsätze, 1954.

HERTZBERGER, Herman**. Lições de Arquitetura.** São Paulo: Martins Fontes, 2015.

JABLONSKI, Bernardo. A divisão de tarefas domésticas entre homens e mulheres no cotidiano do casamento. **Scielo**, 2010. Disponível em: <https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S141498932010000200004&lng=pt&tlng=pt> Acesso em: 14 set. 2020.

LEMOS, Carlos. **História da casa brasileira.** São Paulo: Contexto, 1989.

MIGUEL, Jorge Marão Carnielo. Casa e lar: a essência da arquitetura. *Arquitextos*, São Paulo, ano 03,n. 029.11, **Vitruvius**, 2002. Disponível em: https://www.vitruvius.com.br/revistas/read/arquitextos/03.029/746> Acesso em: 06 jun. 2020.

MONTANER, Josep Maria. **Arquitetura e crítica na América Latina.** São Paulo: Romano Guerra, 2014.

MUNFORD, Lewis. **A cidade na história:** suas origens, transformações e perspectivas. São Paulo, Martins Fontes, 1982.

PALLASMAA, Juhani. **Os olhos da pele**: a arquitetura e os sentidos. Porto Alegre: Bookman, 1996.

PAVIOTTI, Raphaela Venturini; LOUREIRO, Priscilla Silva. A evolução da casa no Brasil. **Vitruvius**, 2009. Disponível em: <http://vitruvius.com.br/revistas/read/resenhasonline/08.094/3021>. Acesso em: 24 fev. 2019.

PUPIM, Rafael. **Habitação moderna em Bauru**: o bairro residencial e o conjunto de casas do Jardim Estoril I. São Carlos: Universidade de São Paulo, 2006.

PUPPI, Marcelo. **Por uma história não moderna da arquitetura brasileira**: questões de historiografia. Campinas: Pontes, 1998.

REIS FILHO, Nestor Goulart. **Quadro da Arquitetura no Brasil**. 11. ed. São Paulo: Perspectiva, 2011.

ROLNIK, Raquel. **O que é cidade?** São Paulo: Brasiliense, 1988.

RYBCZYNSKI, Witold. Casa: pequena história de uma ideia. 3ª ed. Rio de Janeiro: Record, 2002.

SANTOS, José Aparecido dos. **Cidade e natureza: relações entre a produção do espaço urbano, e degradação ambiental e os movimentos sociais em Bauru -SP**. Tese (doutorado), Instituto de Geociência (IGC), Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP): Campinas, 2008.

SCHETTINO, Patrícia Thomé Junqueira; LEMOS, Celina Borges**. O Palacete Carioca:** estudo sobre a relação entre as transformações da arquitetura residencial da elite e a evolução do papel social feminino no final do século XIX e início do século XX no Rio de Janeiro. In. MENDONÇA, Isabel; CARITA, Hélder; MALTA, Marize (Org.). A Casa Senhorial em Lisboa e no Rio de Janeiro: Anatomia dos Interiores. 2014.

VALENTE, Júlia; CURVO, Isabelle. **Os banheiros e o culto de gênero**. Minas Gerais: Anais do Congresso de diversidade sexual e de gênero, 2014.

VERÍSSIMO, Francisco.; BITTAR, Willian. **500 anos da casa no Brasil**: as transformações da arquitetura e da utilização do espaço de moradia. Rio de Janeiro: Ediouro, 1999.